

**Clivada de SER e Estrutura Enfática com *Mas* SER:
Uma mesma estrutura ou estruturas diferentes?**

Márcia Sofia Coelho Bolrinha

**Dissertação de Mestrado
em Ciências da Linguagem**

Junho de 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica de Maria Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves.

*Aos meus pais,
Por acreditarem que tudo é possível*

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma dissertação não é uma tarefa nada fácil. A realização de um trabalho como este requer muita paciência, muito esforço pessoal e muita dedicação. Apesar disso, devo confessar que é bastante recompensador. Este trabalho tornou-me uma pessoa mais organizada e empenhada a nível pessoal.

Queria agradecer a todas as pessoas que me são especiais e que me permitiram chegar até aqui, particularmente:

A todos os professores de Linguística que me inspiraram a querer conhecer e explorar este mundo, em especial à professora Maria Lobo. Agradeço-lhe por ter aceitado ser minha orientadora, pela disponibilidade e paciência, e, mais importante que tudo, pelos conhecimentos que me transmitiu.

A todos os meus amigos, que me incentivaram a nunca desistir e sempre acreditaram que eu era capaz disto e muito mais, e, por último, à minha família, cujo agradecimento é o mais especial.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e nas minhas capacidades. Sei que eles têm muito orgulho em mim. Obrigada por tudo.

Aos meus avós, que têm um lugar tão especial no meu coração. Agradeço-lhes pelo carinho. Para mim, serão eternos.

A todos aqueles que me ajudaram, de alguma maneira, a realizar este trabalho.

CLIVADA DE SER E ESTRUTURA ENFÁTICA COM 'MAS SER': UMA MESMA ESTRUTURA OU ESTRUTURAS DIFERENTES?

MÁRCIA SOFIA COELHO BOLRINHA

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: clivadas, clivada de SER, semipseudoclivada, estrutura enfática com *mas SER*.

O português dispõe de vários tipos de construções clivadas, entre as quais se incluem as clivadas de SER (ou semipseudoclivadas ou estruturas de focalização com SER). Existe ainda um tipo de estrutura que usa a conjunção adversativa *mas* com o verbo SER – *é*, *era* e *foi* – como um todo com valor enfático, que alguns autores têm analisado como uma variante da clivada de SER.

Nesta dissertação, pretendeu-se descrever e analisar as estruturas enfáticas com *mas SER*, comparando-as com as clivadas de SER. Teve-se em conta a intuição de falantes, através de juízos de gramaticalidade, e também ocorrências de *mas* seguidas do verbo SER (nas formas *é*, *era* e *foi*) com valor enfático, retiradas dos *corpora* CETEMPúblico e CORDIAL-SIN. Procurou-se determinar: i) quais os contextos discursivos em que esta estrutura ocorre; ii) quais as suas propriedades sintáticas; iii) em que se distinguem das clivadas de SER.

Verificou-se se as clivadas de SER e as estruturas com *mas SER* têm propriedades que justifiquem uma análise diferenciada e propôs-se uma análise sintática que desse conta do seu funcionamento, considerando-se propriedades sintáticas e semânticas de ambas as estruturas.

Conclui-se nesta dissertação que: i) a estrutura enfática com *mas SER* tem propriedades diferentes da clivada de SER; ii) *mas SER* está a passar por um processo de gramaticalização; iii) *mas SER* pré-foco pode flexionar ou não de acordo com um verbo em T, enquanto *mas é* pós-frase nunca flexiona; iv) estamos perante duas estruturas diferentes para *mas SER*: uma estrutura para *mas SER* pré-foco e outra para *mas é* pós-frase; v) a estrutura com *mas SER* só introduz foco contrastivo.

SER-CLEFT AND EMPHATIC STRUCTURE USING 'MAS SER': THE SAME STRUCTURE OR DIFFERENT STRUCTURES?

MÁRCIA SOFIA COELHO BOLRINHA

ABSTRACT

KEYWORDS: clefts, SER-clefts, emphatic structure using *mas SER* ('but BE').

The Portuguese language has several types of clefts constructions, including SER-clefts. There are also emphatic structures using the adversative conjunction 'but' ('mas') combined with the verb 'to be' ('SER') – *mas é*, *mas era* or *mas foi* – that some authors have described as being a variant of the SER-cleft.

The purpose of this dissertation is to describe and analyze these emphatic structures and to compare them with the SER-clefts. This work considers the intuition of speakers, through grammaticality judgments, and occurrences of *mas é*, *mas era* and *mas foi* with emphatic value, from the *corpora* CETEMPúblico and CORDIAL-SIN.

The aim is to determine: i) which are the discursive contexts in which this structure occurs; ii) which are its syntactic properties; iii) how it differentiates from the SER-cleft.

In this work, we consider if the SER-clefts and the structures with *mas SER* have properties that justify a differentiated analysis and we propose a syntactic analysis that accounts for its properties, considering syntactic and semantic properties of both structures.

We conclude that: i) the emphatic structure using *mas SER* has different properties from the SER-cleft; ii) *mas SER* is a focus particle that is passing through a process of grammaticalization; iii) *mas SER* pre-focus may inflect according with a verb in T, but it is not obligatory, while *mas é* post-sentence never inflects; iv) we are dealing with two structures for *mas SER*: one for *mas SER* pre-focus and one another for *mas é* post-sentence; v) the emphatic structure using *mas SER* only introduces contrastive focus.

ÍNDICE

Lista de abreviaturas.....	ix
Capítulo I: Introdução	1
I. 1. Apresentação do estudo e formulação do problema	1
I. 2. Objetivo do estudo	2
I. 3. Estrutura da dissertação.....	2
Capítulo II: Clivada de SER	4
II. 1. Introdução às clivadas de SER	4
II. 1.1. Clivadas de SER diferentes das pseudoclivadas.....	5
II. 2. Propriedades da estrutura.....	19
Capítulo III: Estrutura enfática com <i>mas</i> SER.....	23
III. 1. Introdução às estruturas enfáticas com <i>mas</i> SER.....	23
III. 2. Propriedades da estrutura.....	27
III. 2. 1. Metodologia	27
III. 2. 2. Posição sintática de <i>mas</i> SER	28
III. 2. 3. Contextos ilocutórios	31
III. 2. 4. Tipo de constituinte clivado.....	33
III. 2. 5. Distribuição sintática do constituinte clivado	34
III. 2. 6. Propriedade de <i>mas</i> SER flexionar.....	35
III. 2. 7. Conclusões finais	38
Capítulo IV: SER e foco - Propriedades interpretativas	40
IV. 1. Tipos de foco e perspectivas sobre a codificação de foco na sintaxe	40
IV. 2. Foco na Clivada de SER e na Estrutura Enfática com <i>Mas</i> SER	44
IV. 2. 1. Clivada de SER e foco	44

IV. 2. 2. Estrutura Enfática com <i>Mas</i> SER e foco	47
IV. 3. Conclusões	50
Capítulo V: Clivada de SER e estrutura enfática com <i>mas</i> SER	51
V. 1. Comparação das propriedades das estruturas	51
V. 2. Resultados e proposta.....	52
V. 3. As duas estruturas	53
Conclusão.....	61
Referências bibliográficas	63
Anexos.....	68
A. Ocorrências de <i>mas</i> SER em <i>corpora</i>	68
A1. Ocorrências no CETEMPúblico.....	68
A2. Ocorrências no CORDIAL-SIN	70

LISTA DE ABREVIATURAS

AAL – Alto Alentejo (Castelo de Vide, Porto de Espada, São Salvador de Amarenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa – Portalegre)

Agree – Agreement (Concordância)

AJT – Aljustrel - Beja

ALC – Alcochete - Setúbal

Asp – Aspect (Aspeto)

CBV – Cabeço de Vide – Portalegre

Conj – Conjunção

CP – Complementizer Phrase (Sintagma complementador)

EXB – Enxara do Bispo - Lisboa

FIG – Figueiró da Serra – Guarda

FocP – Focus Phrase (Sintagma focalizador)

GRC – Graciosa - Angra do Heroísmo

IP_{cop} – Copular clause (Oração copulativa)

LAR – Larinho - Bragança

MTV – Montalvo - Santarém

PAL – Porches, Alte – Faro

PFT – Perafita - Vila Real

PIC – Bandeiras, Cais do Pico – Horta

STA – Santo André - Vila Real

STJ – Santa Justa - Santarém

UNS – Unhais da Serra – Castelo Branco

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

I. 1. Apresentação do estudo e formulação do problema

Nesta dissertação, irei explorar as propriedades sintáticas e discursivas da estrutura enfática com *mas* SER contrastando-a com a clivada de SER.

As clivadas ou “orações clivadas” são construções que têm como objetivo colocar em destaque um constituinte da frase (sujeito, objetos e adjuntos) e são sempre construídas com o verbo SER e com um elemento Qu- (Wh-)¹ ou complementador. O português dispõe de vários tipos de construções clivadas: as clivadas canônicas (1), as clivadas Qu- (ou clivadas Wh-) (2), as pseudoclivadas (3), as pseudoclivadas invertidas (4), as pseudoclivadas invertidas de *é que* (ou simplesmente clivadas de *é que*) (5) e clivadas de SER (ou semipseudoclivadas ou estruturas de focalização com SER) (6), exemplificadas de seguida:

- (1) Foi este livro que a Joana escreveu.
- (2) Foi este livro o que a Joana escreveu.
- (3) O que a Joana escreveu foi este livro.
- (4) Este livro foi o que a Joana escreveu.
- (5) Este livro é que a Joana escreveu.
- (6) A Joana escreveu foi este livro.

Não me vou alongar na descrição e análise de todas as clivadas do português, visto que não é esse o objetivo desta dissertação, mas, ainda assim, queria referir que ainda existe um vasto caminho a percorrer no estudo e descrição destas estruturas. O meu objetivo será descrever com maior detalhe um tipo específico de construção, a

¹ Cf. Inês Duarte (2003).

clivada de SER (7), e compará-la com a estrutura enfática com *mas* SER (8), exemplificadas abaixo:

(7) A Joana gosta *é* de pintar quadros.

(8) A Joana gosta *mas é* de pintar quadros.

Apesar de algumas tentativas de vários autores na identificação da estrutura enfática com *mas* SER como uma variante da clivada de SER, o objetivo desta dissertação será analisar as estruturas enfáticas com *mas* SER, comparando-as com as clivadas de SER e verificar se têm propriedades que justifiquem uma análise diferenciada. Pretende-se ainda analisar as propriedades semântico-discursivas destas estruturas, bem como identificar os valores de foco que lhes podem estar associados.

I. 2. Objetivo do estudo

Tal como já referi, o principal objetivo desta dissertação será descrever e analisar a clivada de SER e a estrutura enfática com *mas* SER, verificar se têm propriedades que justifiquem uma análise diferenciada e propor uma análise sintática que dê conta do seu funcionamento e das diferenças de comportamento, dando também conta de aspetos semântico-discursivos.

Na análise da estrutura enfática com *mas* SER teve-se em conta a intuição de falantes, através de juízos de gramaticalidade, e dados retirados de dois *corpora*, o CETEMPúblico e o CORDIAL-SIN, dos quais se fez uma extração de ocorrências de *mas é*, *mas era* e *mas foi* com uso enfático-contrastivo de forma a identificar quais os contextos em que esta estrutura ocorre.

I. 3. Estrutura da dissertação

Este trabalho está organizado da seguinte forma:

No segundo capítulo descrevem-se as clivadas de SER: em II.1. faz-se uma pequena introdução ao estado da arte; em II.1.1. sistematizam-se propostas de

autores que defendem que a clivada de SER é diferente (tem propriedades diferentes) da pseudoclivada, dando conta de três principais hipóteses: i) SER seleciona uma oração pequena; ii) SER é uma partícula focalizadora que ocupa uma posição fixa na frase; e iii) SER é uma partícula focalizadora que se pode juntar a diferentes posições. Discutem-se também propostas que incidem sobre as estruturas da pseudoclivada e da clivada de SER, nomeadamente se são estruturas bioracionais ou mono-oracionais. Em II.2. descrevem-se as propriedades das clivadas de SER, tendo em conta a sua flexão, contextos, posição frásica, tipos ilocutórios de frase e propriedades discursivas.

No terceiro capítulo descrevem-se as estruturas enfáticas com *mas* SER: em III.1. faz-se uma introdução a este tipo de estrutura disponível em português e em certos dialetos do espanhol, referindo-se o trabalho de Méndez Vallejo (2012); e em III.2. descrevem-se as suas propriedades verbais e discursivas, tendo em conta a posição sintática de *mas* SER, o tipo de contexto ilocutório, a categoria e a distribuição sintática do constituinte clivado e a flexão do verbo SER.

No quarto capítulo caracterizam-se as clivadas de SER e as estruturas enfáticas com *mas* SER tendo em conta a noção de foco.

Por fim, no último e quinto capítulo, apresentam-se as conclusões gerais e comparam-se as duas estruturas sintaticamente: em V.1. comparam-se as propriedades sintáticas e semântico-discursivas da clivada de SER e da estrutura enfática com *mas* SER; em V.2. apresentam-se os resultados e respetivas propostas e em V.3. propõe-se uma análise sintática para cada estrutura de acordo com o modelo de Princípios e Parâmetros.

CAPÍTULO II: CLIVADA DE SER

II. 1. Introdução às clivadas de SER

As clivadas de SER, também designadas semipseudoclivadas (Costa & Duarte 2001), semi-clivadas (Kato & Miotto 2015), estruturas focalizadas (ou de focalização) com SER (Ambar 1999; Méndez Vallejo 2009a, b, 2012), pseudoclivadas reduzidas (Resenes 2014) ou clivadas “that-less” (Ambar 2005), são estruturas alvo de bastante controvérsia, não só relativamente à sua estrutura sintática, mas também devido às restrições sobre o constituinte clivado.

Alguns autores tratam este tipo de clivada como derivada das pseudoclivadas, isto é, consideram que têm uma mesma estrutura subjacente, mas com eliminação do constituinte Wh-/Qu- ou com um operador nulo (Casteleiro 1979; Wheeler 1982; Sedano 1990; Toribio 1992, 2002; Kato & Raposo 1996; Costa & Duarte 2005 e Resenes 2014).

Outros autores tratam-na como um tipo específico de clivada, com propriedades sintáticas e semânticas específicas, considerando ainda que as pseudoclivadas envolvem uma estrutura bioracional, enquanto as clivadas de SER são estruturas mono-oracionais (para o espanhol Bosque 1999; Curnow & Travis 2003; Camacho 2006; Méndez Vallejo 2009a, b e 2012; Zubizarreta 2014 e para o português Miotto 2012; Kato & Miotto 2012; Resenes & Den Dikken 2012; Kato & Miotto 2015; Lobo, Santos e Soares-Jesel 2015; Kato & Miotto 2016 e Vercauteren 2016).

Kato & Miotto (2016) afirmam que nem todos os dialetos do espanhol têm disponível a construção clivada de SER (cf. Bosque 1999), mas que em português do Brasil e em português europeu esta construção está disponível, o que corresponde a um fenómeno sujeito a microvariação paramétrica nas línguas românicas. Os únicos dialetos espanhóis que utilizam esta construção, de acordo com Méndez Vallejo (2009b: 326), são o espanhol colombiano, o espanhol venezuelano, o espanhol equatoriano, o espanhol do Panamá e o espanhol dominicano, podendo o verbo SER

ser foneticamente produzido como: *es*, *era* e *fue*. Esta autora refere ainda que existem outras construções para marcar foco, em dialetos espanhóis, que não recorrem à clivada de SER. Essas construções são marcadores de discurso ou advérbios como *pero* ('mas') (algo que vai ser referido mais à frente neste trabalho), *nada más* ('nada mais'; 'só'), *fijate* ('imagina') e *pues* ('pois').

Entre os autores que consideram a clivada de SER diferente das pseudoclivadas, são observadas três hipóteses distintas: i) aquela em que a clivada de SER seleciona uma oração pequena (*small clause*), tal como é proposto por Costa & Duarte (2001), correspondendo a uma estrutura derivada da pseudoclivada; ii) a hipótese de que SER é uma partícula focalizadora que ocupa uma posição fixa na frase, tal como é proposto no trabalho de Bosque (1999), e iii) outra em que SER é uma partícula focalizadora que se pode juntar a diferentes posições, tal como admitem Kato & Mito (2012) e Vercauteren (2016).

II. 1.1. Clivadas de SER diferentes das pseudoclivadas

Tal como já foi referido na subsecção anterior, alguns dos autores que tratam a clivada de SER como derivada das pseudoclivadas são: Casteleiro (1979), Wheeler (1982), Toribio (1992, 2002), Kato & Raposo (1996), Costa & Duarte (2005) e Resenes (2014).

Estes autores consideram a clivada de SER um tipo de pseudoclivada reduzida, ou seja, uma pseudoclivada com a eliminação do operador Wh- (Qu-) (Casteleiro 1979, Wheeler 1982) (9a) ou com um operador nulo no lugar do operador Wh- (Toribio 1992, Costa & Duarte 2003) (9b):

(9) a. ~~O~~ ~~que~~ a Joana comeu foi um bolo.

b. [_{IP} [_{CP} OP \emptyset a Joana comeu]_i foi [_{SC} t_i [_{DP} um bolo]

Como consideram o verbo SER das pseudoclivadas e das clivadas de SER um verbo copulativo, estes autores admitem que se está perante um verbo copulativo que tem como complemento uma oração pequena.

Tal como se pode observar nos exemplos a seguir, nem sempre a substituição de uma clivada de SER por uma pseudoclivada dá resultados gramaticais. No exemplo

(10), a pseudoclivada é agramatical em casos em que SER está entre o verbo auxiliar e o verbo principal da frase (agramatical a focalizar um VP)². No exemplo (11), a pseudoclivada é agramatical quando se cliva um constituinte negativo. No exemplo (12), a pseudoclivada é agramatical ao focalizar advérbios.

- (10) a. A Maria vai é comer gelatina.
b. ??O que a Maria vai é comer gelatina.
- (11) a. O Miguel não empresta nada é a ninguém.
b. ??A quem o Miguel não empresta nada é a ninguém.
- (12) a. Ele cantou foi muito mal.
b. *Como ele cantou foi muito mal.

Bosque (1999), para o espanhol caribenho, distingue pseudoclivadas de clivadas de SER, visto que estas últimas são agramaticais nos seguintes contextos: constituintes pré-verbais focalizados (13b), VPs infinitivos e focalizados (14b), construções superlativas (15b) e extração de constituintes Wh- (16b).

- (13) a. *Um empleo es lo que Juan necesita.*
'Um emprego é o que o Juan necessita.'
b. **Um empleo es Juan necesita.*
'*Um emprego é o Juan necessita.'
- (14) a. *Lo que Juan hizo fue cantar.*
'O que o Juan fez foi cantar.'
b. **Juan hizo fue cantar.*
'*O Juan fez foi cantar.'
- (15) a. *Lo que más le gusta es bailar salsa.*
'O que mais gosta é dançar salsa.'
b. **Más le gusta es bailar salsa.*

² A pseudoclivada só ficaria gramatical se fosse inserido o verbo 'fazer', como por exemplo, 'O que a Maria vai fazer é comer gelatina'.

‘Mais gosta é dançar salsa.’

- (16) a. *¿Qué era lo que Juan leía?*

‘O que era que o Juan lia?’

- b. **¿Qué Juan leía era?*

‘*O que o Juan lia era?’

O autor admite que o focalizador SER está *in situ*, que ocupa a posição de núcleo de FocusP, gerado dentro de um VP, e que a frase focalizada é seu complemento, tal como mostra o exemplo (17). Bosque (1999) propõe que as clivadas de SER não contêm uma oração pequena e que o verbo SER não é um verbo copulativo mas sim um operador de foco que tem como função contrastar constituintes.

- (17) [IP Juan_i [VP t_i [V comía [FP [[F^o era] papas.]]]]] (Bosque 1999: 4)

Este autor afirma também que a clivada de SER é uma estrutura mono-oracional, enquanto a estrutura da pseudoclivada é formada por duas orações diferentes, ou seja, é bioracional.

Mioto (2012) argumenta contra esta última hipótese, uma vez que SER sendo núcleo de FocusP deveria bloquear a subida do verbo principal da frase para I.

Curnow & Travis (2003), para o espanhol colombiano, assumem que nem todas as pseudoclivadas podem tornar-se clivadas de SER e nem todas as clivadas de SER podem tornar-se pseudoclivadas, pela inserção ou eliminação de um constituinte Wh-. Estes autores aplicam alguns testes empíricos para a confirmação da hipótese de que as pseudoclivadas e as clivadas de SER são diferentes. Um desses testes é a focalização de polaridade negativa (o que também foi observado por Bosque (1999)). As pseudoclivadas não permitem a focalização desse tipo de construção, enquanto que isso já é possível com a utilização de uma clivada de SER:

- (18) a. **Lo que no puedo ver es nada.* (Curnow & Travis 2003: 2)

‘*O que não posso ver é nada.’

- b. *No puedo ver es nada.*

‘Não posso ver é nada.’

Outro teste indicado pelos autores é a sensibilidade à subida de clítico. Nas clivadas de SER, o clítico “ignora” a presença de SER, ao contrário do que acontece nas pseudoclivadas, tal como também mostra Méndez Vallejo (2012: 3):

(19) a. *Lo que quiero es ir-me.*

‘O que quero é ir-me.’

b. **Lo que me quiero es ir.*

‘*O que me quero é ir.’

c. *Quiero es ir-me.*

‘Quero é ir-me.’

d. *Me_i quiero es ir_i.*

Me quero é ir.

‘Quero é ir-me.’

Estes autores admitem, com estes testes, que a clivada de SER é uma estrutura mono-oracional, visto que a presença do verbo SER focalizador não impede a focalização de itens de polaridade negativa nem a subida de clíticos, enquanto a estrutura pseudoclivada contém uma oração subordinada.

Curnow & Travis (2003) afirmam também que tanto a clivada de SER como a pseudoclivada servem para focalizar complementos indiretos, mas as estruturas parecem ocorrer em diferentes contextos, embora os autores não desenvolvam este tópico. Os autores também mostram que a clivada de SER tanto marca foco contrastivo como foco identificacional (não contrastivo)³.

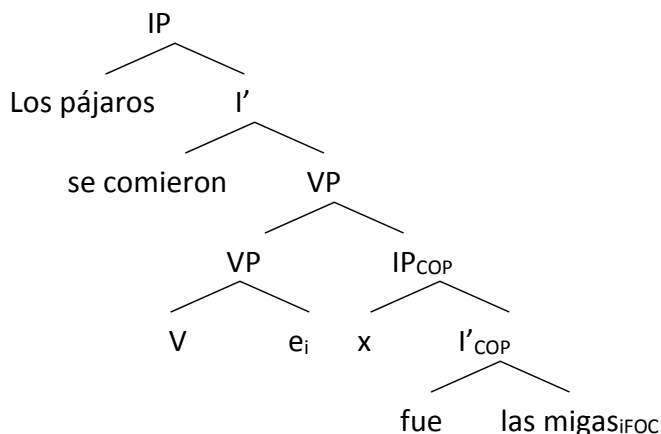
Camacho (2006), para o espanhol caribenho, tal como Bosque (1999), trata a clivada de SER como uma clivada específica, mas assume que o focalizador SER é núcleo de IP_{COP} e que tem a mesma estrutura e propriedades argumentais que os

³ Curnow & Travis (2003: 7) mostram que, de 34 tokens interpretáveis, 25 correspondiam a usos contrastivos e 9 a usos identificacionais (não contrastivos). Os autores admitem que, para alguns desses, a leitura de contraste era claramente excluída.

outros verbos copulativos. IP_{COP} tem como especificador um sujeito nulo e como complemento um DP focalizado, tal como mostra o exemplo representado abaixo:

(20)

(Camacho 2006: 19)



Camacho (2006: 18), ao estabelecer uma relação entre a categoria vazia complemento e o constituinte focalizado, admite que o constituinte focalizado não está numa posição argumental, visto que o complemento *las migas* poderá aparecer numa ilha, como é demonstrado no exemplo (21).

(21) *El pájaro se comió me sorprende el hecho de que fuera/fueran las migas.*

O pássaro comeu me surpreende o facto de que foi/foram as migalhas.

‘O pássaro comeu surpreende-me o facto de que foi/foram migalhas.’

Assumindo ainda que deverão ser atribuídos papéis temáticos a argumentos que estão em posição de complemento, este autor sugere que *las migas* não pode ser argumento de *comió*, visto que não é seu complemento. O autor propõe, em alternativa, uma categoria nula em posição de argumento co-indexado com o predicado do verbo copulativo. Apesar disso, Camacho afirma que não existe relação de movimento entre *las migas* e a categoria nula.

O autor sugere que a estrutura copulativa (IP_{COP}) está numa posição de adjunção a VP, visto que admite que o verbo SER tem as mesmas propriedades estruturais e argumentais que outros verbos copulativos.

Méndez Vallejo (2009b: 226) argumenta contra esta hipótese, visto que SER, de acordo com a autora, não se comporta como um verbo copulativo, mas como um intensificador de foco e, por isso, não partilha as mesmas propriedades que outros verbos copulativos. Tendo em conta a análise de Camacho (2006), a autora não concorda com a proposta de SER só focalizar constituintes acima de vP, visto que pode focalizar o perfeitivo (22) e o progressivo (23).

(22) A: *¿Rubén no había salido cojeando?* (Méndez Vallejo 2009b: 103-104)

Rubén não havia saído coxeando.

‘O Rubén não tinha saído a coxear?’

B: *No, él había era llegado cojeando.*

Não, ele havia era chegado coxeando.

‘Não, ele tinha era chegado a coxear.’

(23) A: *¿Rubén no había salido cojeando?* (Méndez Vallejo 2009b: 104)

Rubén não havia saído coxeando.

‘O Rubén não tinha saído a coxear?’

B: *No, él había salido era saltando.*

Não, ele havia saído era saltando.

‘Não, ele tinha saído era a saltar.’

Méndez Vallejo (2009b: 80) afirma que o verbo SER da pseudoclivada não está na mesma posição que o verbo SER da clivada de SER, isto porque nas pseudoclivadas SER não concorda em tempo e aspeto com o verbo principal da oração subordinada (24a e 24b), enquanto na clivada de SER o focalizador SER concorda sempre em tempo e aspeto com o verbo principal (24c e 24d):

(24) a. *Quien/La que me robó fue ella.*

“Quem me roubou foi ela.”

b. *Quien/La que me robó es ella.*

Quem me roubou é ela.

“Quem me roubou foi ela.”

c. *Me robó fue ella.*

Me roubou foi ela.

“Roubou-me foi ela.”

d. **Me robó es ella.*

Me roubou é ela.

“Roubou-me foi ela.”

Outro aspeto apontado pela autora é que o progressivo não pode ser focalizado pela pseudoclivada, mas pode ser pela clivada de SER:

(25) a. **Lo que ha estado es estudiando lingüística.* (Méndez Vallejo 2012: 3)

O que tem estado é estudando linguística.

‘*O que tem estado é a estudar linguística.’

b. *Ha estado es estudiando lingüística.*

Tem estado é estudando linguística.

‘Tem estado é a estudar linguística.’

A autora admite que SER está numa posição interna a TP e não a CP, como é o caso das pseudoclivadas. Méndez Vallejo (2009b) conclui que a clivada de SER pode focalizar qualquer tipo de constituinte desde que seja pós-verbal, o que sugere que SER esteja numa posição abaixo de T mas acima de vP, e não dentro de vP como afirma Bosque (1999) e Camacho (2006), visto que SER pode focalizar constituintes gerados acima de vP. Méndez Vallejo admite então que SER, nas clivadas de SER, é originado em FocP localizado abaixo de T e acima de vP.

Em relação ao focalizador SER, Méndez Vallejo (2009b) afirma que SER deve ser visto como partícula de foco (*focus link*) e não como um verbo copulativo ou um verbo auxiliar, visto que só aparenta funcionar como um intensificador de elementos focalizados. Esta autora concluiu também que SER só focaliza constituintes pós-verbais e que estabelece concordância em tempo e aspeto com um verbo em T.

Baseada nestas observações, a estrutura que a autora sugere é que SER é gerado dentro de um FocP, no qual o núcleo (Foc) é nulo e o especificador é ocupado por SER. A justificação da autora para colocar SER na posição de especificador e não em núcleo é SER servir como um elo de ligação entre informação nova e velha e introduzir informação nova. Isto sugere que, ao enfatizar o elemento focalizado, deverá ser examinado como um especificador e não como um núcleo. Apesar de SER concordar em tempo e aspeto com o verbo em T e em pessoa e número com o elemento focalizado, a autora afirma que SER perdeu as suas propriedades semânticas como verbo. Esta autora refere ainda que SER não concede a interpretação de foco ao constituinte focalizado, mas que enfatiza ou intensifica a atribuição de foco. Portanto, Méndez Vallejo (2009b: 257) afirma que tanto o focalizador SER como o núcleo de FocP constituem a estrutura de foco.

Em termos de posição sintática, Méndez Vallejo afirma que FocP ocorre na periferia interna de TP, abaixo de T.

Méndez Vallejo (2012) observou também que as clivadas de SER tanto servem para marcar foco identificacional (não contrastivo) (26) como foco contrastivo (27) em espanhol colombiano:

(26) A: *¿Qué compraste?*

Que compraste?

‘O que é que compraste?’

B: *Compré fue vino.*

‘Comprei foi vinho.’

(27) A: *¿Compraste vino o cerveza?*

‘Compraste vinho ou cerveja?’

B: *Compré fue vino.*

‘Comprei foi vinho.’

Mioto (2012: 300) considera a clivada de SER uma estrutura mono-oracional em que o focalizador SER é uma partícula de foco que emerge como adjunto do constituinte focalizado, como no exemplo por ele representado:

(28) [TP O Lula_i tem [vP é [vP t_i falado pouco e com poucos.]]]

O Lula, ao ficar em SpecTP, c-comanda o seu vestígio em VP. Por ser um adjunto, o focalizador SER não bloqueia a subida do verbo e o que temos no fim é uma oração mono-oracional.

O autor admite que isto explica as várias posições do focalizador, dando os exemplos representados abaixo:

(29) a. A Maria quer *é* chegar a Florianópolis no domingo, não chegar a Joinville.

b. A Maria quer chegar *é* a Florianópolis no domingo, não a Joinville.

c. A Maria quer chegar a Florianópolis *é* no domingo, não no sábado.

Mioto (2012: 290) admite também que a clivada de SER é uma clivada específica e que não tem nenhuma “redução” na frase, dando o exemplo (30). Se a clivada de SER fosse uma pseudoclivada com operador nulo, a frase (30b) seria gramatical.

- (30) a. O que a Maria é é escandaloso.
 b. *A Maria é é escandaloso.

Autores como Resenes (2014) admitem haver mais que um tipo de clivada de SER: uma construção que é independente da pseudoclivada e outra que deriva da pseudoclivada, mas com apagamento do constituinte Wh. Apesar disso, Kato & Mioto (2016) afirmam que a falta de concordância verbal entre o verbo e o sujeito pós-verbal mostra que só há um tipo de clivada de SER.

Kato & Mioto (2015) também defendem que as pseudoclivadas e as clivadas de SER não têm uma derivação comum. Na proposta dos autores, todo o VP pode ser focalizado (o verbo, se este não subir para T, os complementos e os adjuntos). Isto confirma que as clivadas de SER só focalizam constituintes no domínio de c-comando de T, portanto, não é possível focalizar sujeitos pré-verbais. Estes autores consideram que as clivadas de SER só servem para marcar foco contrastivo.

Vercauteren (2016: 85-87), que também tem em conta as diferenças sintáticas entre as pseudoclivadas e as clivadas de SER, argumenta que a clivada de SER é uma estrutura mono-oracional, uma vez que permite subida de verbos acima de SER (31), bem como a subida de clíticos (32), tal como já foi observado por Curnow & Travis (2003) e Méndez Vallejo (2012):

- (31) O João parece é estar doente.

(32) Vão para a tropa, vêm para trás, querem-se é casar. (GRC) (CORDIAL-SIN *apud* Vercauteren 2016: 87)

Vercauteren (2016: 87) admite ainda que o verbo copulativo lexicaliza uma posição relativamente baixa, visto que não pode preceder um verbo em T:

- (33) *O João foi comeu o bolo.

A autora afirma que as propostas de autores como Wheeler (1982), Toribio (1992) e Costa & Duarte (2001) devem-se ao facto de estes autores analisarem a clivada de SER como se fosse uma estrutura bioracional.

No trabalho de Costa & Duarte (2001), por exemplo, que faz uma proposta de análise unificada para todos os tipos de clivada, os autores admitem que nas clivadas de SER o pronome Wh- das pseudoclivadas é substituído por um operador nulo. Estes autores defendem que o verbo copulativo nas clivadas de SER é o núcleo lexical de VP e que seleciona, portanto, uma oração pequena, isto é, a clivada de SER para estes autores também é bioracional. Estes sugerem que só VPs não máximos podem ser clivados neste tipo de estrutura e relacionam este facto com a propriedade de o português ser uma língua de objeto nulo, e admitem que, por essa razão, o constituinte clivado não pode ser um sujeito. Contudo, no trabalho de Lobo, Santos & Soares-Jesel (2015: 6), as autoras admitem que pode haver clivagem de sujeito (34):

(34) Não telefonou o reitor. Telefonou foi o diretor.

Lobo, Santos & Soares-Jesel (2015), seguindo a proposta de Miotto (2012), assumem que as clivadas de SER são estruturas mono-oracionais em que SER é uma partícula de foco que marca a periferia esquerda do material focalizado (admite-se que pode haver *scrambling* de material não focalizado para fora do domínio vP).

Voltando novamente ao trabalho de Vercauteren (2016), a autora admite que as clivadas de SER são estruturas mono-oracionais em que a cópula não é núcleo de VP porque não tem as propriedades de um verbo copulativo regular, fazendo referência a vários autores que defendem a mesma proposta para o português do Brasil e para o espanhol. A autora vai ter em conta o ponto de vista de vários autores e vai assumir que o constituinte clivado está *in situ*

Vercauteren (2016: 272) defende que SER pode estar associado a diferentes posições, apesar de estar sempre à direita de um verbo em T, como se ilustra nas diferentes frases que a própria autora apresenta:

(35) (a) Ele pode é ter estado doente.

(b) Ele pode ter é estado doente.

(c) Ele pode ter estado é doente.

Ou seja, de acordo com a autora é preferível assumir que o verbo copulativo SER não ocupa uma posição fixa e que tem uma distribuição “livre”.

Esta autora propõe uma nova análise baseada na análise de Cable (2010) para a sintaxe das partículas-Q, visto que justifica a livre distribuição do verbo copulativo e o considera uma partícula de foco (ou de focalização). Na proposta de Cable (2010) é discutida a posição das partículas-Q. O autor argumenta que estas partículas podem ser tanto adjuntas ao constituinte Wh- como ter o constituinte Wh- como complemento. Vercauteren (2016) adapta esta proposta e considera que o verbo copulativo toma o constituinte clivado como complemento e projeta um vP, sendo que isto tem consequências para a sua seleção, na medida em que núcleos funcionais que não selecionam constituintes verbais não selecionam um vP.

Vercauteren (2016) assume também que o verbo copulativo não tem valor semântico e que assim SER e o vP irão ter as mesmas propriedades semânticas que o constituinte clivado. A falta de conteúdo semântico do verbo copulativo faz com que o seu complemento possa ter qualquer valor semântico, o que significa que SER não impõe nenhuma restrição de seleção.

Assim, a autora afirma que, como não há restrição no tipo de constituinte clivado, esse pode ser de qualquer tipo semântico – entidades, propriedades, proposições, quantificadores, entre outros – dando os seguintes exemplos (CORDIAL-SIN *apud* Vercauteren 2016: 283):

- (36)
- a. E só prejudica é [_{DP} as searas]. (ALC)
 - b. Não era era [_{NP} dores desinsofridas]. (STJ)
 - c. Este bote é tripulado é [_{PP} por sete homens]. (PIC)
 - d. E é bom é [_{CP} que as duas aguentem]. (PIC)
 - e. Pois eu ia era [_{VP} fugir]. (GRC)

f. E se for aí para dentro duma horta, essa coisa só faz lá é [_{AdvP} bem].

(AJT)

g. É mais conveniente porque é mesmo é [_{AP} menos perigoso]. (PIC)

A autora na sua tese adota a posição de que o verbo copulativo nas clivadas de SER não tem conteúdo semântico e que não tem características temporais interpretáveis, sendo por isso que tem de ter o mesmo tempo verbal e aspeto que o verbo flexionado e, portanto, conclui que o verbo copulativo SER é um verbo sintaticamente, mas não semanticamente.

Em relação às propriedades do verbo copulativo, Vercauteren (2016: 282) admite que este não pode ser negado (37a), não pode ser modificado por advérbios (37b) nem por auxiliares modais ou aspetuais (37c), dando os seguintes exemplos:

- (37) a. *O Batman organizou não foi a festa.
b. *O Batman organizou foi definitivamente a festa.
c. *O Batman tem organizado pode ter sido a festa.

A estrutura proposta pela autora para a clivada de SER é a seguinte:



A autora admite que o vP projetado pela cópula pode ser selecionado por núcleos funcionais e lexicais que selecionem constituintes verbais, ou seja, núcleos funcionais que não selecionem constituintes verbais não selecionam um vP, portanto, pode ser argumento de T (39a) e Asp (39b), mas não pode ser argumento de D (40a), P (40b) e C (40c), visto que são núcleos verbais que não selecionam verbos. A autora dá os seguintes exemplos (Vercauteren 2016: 285-286):

- (39) a. [_{TP} Está [_{vP} é [_{AspP} prejudicando]]].
b. Não me parece que seja muscular, [_{TP} deve [_{AspP} ter [_{vP} é [_{AspP} ficado com uma concussão do caraças devido à pancada que levou]]]].
- (40) a. *O João queria [_{DP} um [_{vP} era [_{NP} bolo]]].

b. *O João está [_{PP} em [_{VP} é [_{NP} sarilhos]]].

c. *O João disse [_{CP} que [_{VP} foi [_{TP} ama a Maria]]].

Em relação ao que pode ou não ser clivado, Vercauteren (2016: 293) admite que adjetivos atributivos (41a) não podem ser clivados nas clivadas de SER, ao contrário de adjetivos predicativos (41b), dando os exemplos transcritos abaixo:

(41) a. *Vi o cão foi dálmata.

b. Trouxe o cão foi acorrentado.

Advérbios em posição de especificadores funcionais também não podem ser clivados neste tipo de clivadas (Vercauteren 2016: 298):

(42) *O João falou com a sua mãe foi provavelmente.

Como se pode observar pela análise de Vercauteren (2016), o verbo copulativo SER não tem uma posição fixa e toma o constituinte clivado como seu complemento, tendo este uma posição *in situ*, e projetando um vP. O vP pode aparecer como complemento de núcleos funcionais (se estes selecionarem constituintes verbais), tal como T e Asp, na posição de argumento de núcleos lexicais e na posição de adjunção. O vP não pode aparecer na posição de especificador, nem de núcleos que não selecionem constituintes verbais, como D, P, C e projeções funcionais que têm advérbios e adjetivos atributivos, tal como pode ser observado nos exemplos acima.

Kato & Mioto (2016) mostram, tal como Bosque (1999) e Mioto (2012), que uma das diferenças interpretativas entre as pseudoclivadas e as clivadas de SER é o tipo de foco que expressam. Enquanto as pseudoclivadas podem expressar todo o tipo de foco, as clivadas de SER não conseguem expressar foco informacional:

(43) A: O que é que a Maria comeu? (Kato & Mioto 2016: 288)

B: O que a Maria comeu foi um bolo.

#A Maria comeu foi um bolo.

Esta proposta difere da proposta de Méndez Vallejo (2012), visto que ela admite que as clivadas de SER tanto expressam foco contrastivo como informacional (não contrastivo), tal como se pode observar pelos exemplos (26) e (27).

Tal como se tentou mostrar ao longo desta subsecção, existe alguma evidência para que se possa afirmar que as pseudoclivadas e as clivadas de SER são estruturas sintaticamente diferentes com propriedades diferentes (sintática e semanticamente). Exemplos dados como a extração de constituintes, a subida de clítico através de SER, a focalização de polaridade negativa, a focalização do progressivo e a não comutação de uma pela outra em alguns contextos sintáticos, mostram que a pseudoclivada e a clivada de SER não têm a mesma estrutura sintática.

Ao longo deste trabalho, admitir-se-á que as pseudoclivadas envolvem uma estrutura bioracional, ou seja, que estão em causa duas orações, enquanto na clivada de SER estamos perante uma estrutura mono-oracional e, de acordo com as propostas acima apresentadas, admitir-se-á também que as pseudoclivadas são sintática e semanticamente diferentes das clivadas de SER, tratando-se de duas estruturas independentes e não comutáveis.

II. 2. Propriedades da estrutura

De acordo com as diferentes propostas que foram apresentadas na subsecção anterior, faz-se, nesta subsecção, um sumário das propriedades sintático-semânticas da clivada de SER.

Em relação às propriedades da estrutura, observa-se que o verbo SER só pode estar no presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo e está sempre na terceira pessoa do singular, ou seja, só flexiona em tempo e de acordo com o verbo principal, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(44) a. Vou ganhar *é* o euromilhões.

b. Ganhei *foi* o euromilhões.

c. Ganhava *era* o euromilhões.

(45) a. Comeu *foi* os chocolates.

b. * Comeu *foram* os chocolates.

(46) a. Queria que ele estudasse medicina.

b. *Queria que ele estudasse *fosse* medicina.

Em relação a alguns dialetos do espanhol, Méndez Vallejo (2012: 13) observou que é possível flexionar SER em número, quando este precede um complemento direto:

(47) *Tenho son dos gatos*

Tenho são dois gatos.

‘Tenho é dois gatos.’

A autora afirma que esta propriedade tem a ver com o uso contrastivo ou não contrastivo de SER. No caso do exemplo (48) é agramatical *son*, visto que estamos perante um uso não contrastivo. Pelo contrário, no exemplo (49) é obrigatório SER concordar em número com o complemento direto:

(48) A: *¿Tienes mascotas?*

‘Tens animais de estimação?’

B: *Sí, tengo (es/*son) dos perros y un gato.*

‘Sim, tenho (é/*são) dois cães e um gato.’

(49) A: *¿No tenías dos gatos y un perro?*

‘Não tinhas dois gatos e um cão?’

B: *No, tengo (*es/son) dos perros y un gato.*

‘Não, tenho (*é/são) dois cães e um gato.’

Quando se trata de um complemento indireto, a autora afirma que nunca há concordância de pessoa ou número, tanto em contexto contrastivo como em contexto não contrastivo.

Tal como se pode observar pela análise de diversos autores na subsecção anterior, o verbo SER pode ocorrer em várias posições na frase, isto é, pode ocorrer entre o verbo auxiliar e o verbo principal (50a), depois do verbo principal (50b), mas não no fim da frase (50c) nem antes do verbo flexionado (50d):

- (50) a. Ela vai é ficar doente.
- b. Ela vai ficar é doente.
- c. *Ela vai ficar doente, é.
- d. *Ela é vai ficar doente.

Em relação à tipologia frásica, este tipo de construção funciona em frases imperativas (51), em frases exclamativas (52) e em frases interrogativas se estas forem interrogativas “eco” (53) ou interrogativas (totais) com um contraste implícito (54):

(51) Dá-me é a resposta!

(52) Convém é agir desde já!

(53) A: Eu sei que estou de dieta, mas o que eu queria mesmo era um chocolate.

B: Queres é chocolate?

(54) A: Não gosto de chocolate.

B: Então, gostas é de rebuçados?

Tal como se pode observar em Vercauteren (2016: 282) sobre as propriedades verbais de SER, nas clivadas de SER, o verbo copulativo não pode ser negado, nem pode ser modificado por advérbios auxiliares modais ou aspetuais:

- (55) a. *O Mário escreveu não *foi* o livro.
- b. *O Mário escreveu *foi* definitivamente o livro.

- c. *O Mário tem escrito *pode ter sido* o livro.

As clivadas de SER não impõem qualquer tipo de restrição sobre a categoria do constituinte clivado nem à função sintática do constituinte clivado, mas há restrição à clivagem de constituintes periféricos, como é o caso do exemplo (56h), onde se observa a clivagem de um modificador de frase periférico:

- (56) a. Queres é [_{DP} uma maçã].
- b. Eles só dizem é [_{NP} palavrões].
- c. Tens de ir é [_{PP} ao festival]!
- d. Eu espero é [_{CP} que lavem a roupa].
- e. Amanhã vamos é [_{VP} festejar]!
- f. Ele corre é [_{AdvP} muito devagar].
- g. Ele ontem estava *era* [_{AP} mais engraçado].
- h. *Chega atrasado é [_{AdvP} provavelmente].

Estes contrastes apresentados mostram que SER não tem propriedades de uma forma verbal plenamente ativa, e por isso não pode ser negado, não pode ser modificado por advérbios nem por auxiliares modais ou aspetuais e pode também ter qualquer tipo de categoria de constituinte como complemento, visto que não impõe restrições ao constituinte clivado, a não ser a modificadores de frase periféricos. SER parece ser uma forma híbrida, que ainda mantém alguns traços verbais ativos, visto que flexiona em tempo. Esperar-se-ia que uma forma que não é verbal não flexionasse em tempo, o que não se confirma. Observa-se também que SER não tem posição fixa, mas não pode ocorrer em qualquer posição frásica. SER tem de ocorrer numa posição c-comandada por T (abaixo de V flexionado) e não pode ocorrer dentro de alguns domínios (internamente a PPs, DPs e CPs).

CAPÍTULO III: ESTRUTURA ENFÁTICA COM *MAS SER*

III. 1. Introdução às estruturas enfáticas com *mas SER*

Tal como referi na introdução do presente estudo, para além das clivadas que se conhecem, existe ainda uma construção em português que utiliza a conjunção adversativa *mas* em conjunto com o verbo SER – *é*, *era* e *foi* – para marcar foco sobre um constituinte. Essa construção, que tem um valor enfático-contrastivo, pode ser observada no exemplo seguinte:

- (57) Vão *mas é* para a província apanhar batatas. (CETEMPúblico, par=ext127650-pol-94a-3)

Para a língua portuguesa, existem muito poucos trabalhos sobre a estrutura enfática com *mas SER*. Um desses trabalhos é o de Abreu (2001), em que a autora admite que a estrutura enfática com *mas SER* é uma variante da clivada de SER⁴, especialmente em relação a contextos imperativos. A autora admite que a “variante *mas é*” é utilizada na fala oral quotidiana por todas as camadas sociais do português europeu.

Esta autora afirma que a construção é uma “combinação inseparável” de *mas* e a terceira pessoa do singular do verbo SER e que os contextos sintáticos são idênticos aos contextos da clivada de SER, apesar de a estrutura com “*mas é*” ter características próprias, como é o caso da variante pós-frase, exemplificada de seguida.

- (58) Vai calçar os sapatos, *mas é*.

Abreu (2001: 48) identifica duas variantes da clivada de SER: a variante pré-foco, que pode variar/concordar em tempo (59a), mas em que essa concordância nem sempre é obrigatória (59b), e a variante pós-frase, que não concorda em tempo com o verbo principal da frase (59d):

⁴ A autora chama a clivada de SER de “semi-pseudoclivada”.

- (59) a. Ele foi *mas foi* para os lados de Galamares. (Abreu 2001: 48)
- b. Ele foi *mas é* para os lados de Galamares.
- c. Ele foi para os lados de Galamares *mas é*.
- d. *Ele foi para os lados de Galamares *mas foi*.

Em relação às características discursivas desta construção⁵, a autora afirma que esta se integra sobretudo em estruturas imperativas e que tem um valor enfático-contrastivo. A autora admite ainda que a variante pré-foco está muitas vezes associada a contextos perifrásticos:

- (60) Vai *mas é* dar uma voltinha! (Abreu 2001: 52)

Abreu (2001: 53) afirma que a clivada de SER e em especial “a sua variante” são uma “verdadeira possibilidade complementar para ser usada em contextos imperativos”, sendo que o mesmo se aplica às frases exclamativas. A autora admite por isso haver uma “dupla marcação”: o uso exclamativo realça, enquanto “*mas é*” enfatiza.

Tendo em conta as frases interrogativas, Abreu (2001: 53) afirma que as interrogativas parciais são incompatíveis com esta estrutura, mas também que as interrogativas totais são problemáticas, sendo esta estrutura mais comum em frases declarativas e imperativas, tal como já referido.

- (61) a. *Que fazes *mas é* tu? (Abreu 2001: 53)
- b. ??*Que fazes tu *mas é*?

Lopes ([1983]2005: 34), apesar de não desenvolver muito a análise das clivadas em português, admite que estas “operam predicções metalinguísticas de

⁵ Tem-se em conta que ao caracterizar a “semi-pseudoclivada”, a autora caracteriza também a sua “variante *mas é*”.

superlativação, de topicalização, de focalização, de rectificação ou acto polémico dialógico, de contraste adversativo ou concessivo, de assentimento, etc. (...)”.

Este autor faz referência a *mas* SER dando os seguintes exemplos:

(62) a. Ele tem *mas* é medo. (Lopes [1983]2005: 35)

b. O que ele tem é *mas* é medo.

Enquanto (62a) é definida como “réplica polémica”, (62b) é definida pelo autor como “réplica polémica com maior carga axiológica negativa”.

A estrutura enfática com *mas* SER, que requer sempre um contexto, parece ser uma extensão ou reformulação do que foi anteriormente afirmado e, tal como Barros (1988) afirma a propósito do uso “contrastivo” de *mas*:

(...) De facto, o contrastivo contraria um nexos causal ou condicional de que aparece como sendo uma extensão, reformulação ou denegação. O contrastivo introduziria uma asserção como carácter de certo modo inesperado, uma especificação em certa medida contra-expectativa. Normalmente, não se verifica uma invalidação da implicação, mas um questionamento ao nexos implicacional através de uma extensão ou modalização. Tudo isto se traduz por uma junção de elementos antagónicos (...) que representa uma quebra de regularidade e é por esse mesmo facto contra-expectativa.

(Barros 1988: 270)

Méndez Vallejo (2012) afirma que falantes de dialetos do espanhol sem focalizador SER⁶ escolhem certas expressões para marcarem tópico, foco, evidência e contraste.

⁶ *Non-FS (Focalizing Ser) dialects.*

Uma das expressões usadas em alguns dialetos do espanhol é a conjunção *pero* ('mas') que precede o constituinte em foco. O seu funcionamento é muito parecido com o *mas* SER do português, apesar de *pero* poder ocorrer sem o verbo SER, como mostra o exemplo da autora, representado abaixo:

- (63) A: *Pensé que tenías dos niños.* (Méndez Vallejo 2012: 15)
'Pensei que tinhas dois filhos'
B: *No, tengo pero dos niñas.*
Não, tenho mas duas filhas
'Não, tenho *mas* é duas filhas'

A expressão *pero*, tal como se vai mostrar para a estrutura com *mas* SER, não funciona em contextos não contrastivos:

- (64) A: *¿Tienes mascotas?*
'Tens animais de estimação?'
B: **Si, tengo pero dos perros.*
*Sim, tenho mas dois cães.
'*Sim, tenho *mas* é dois cães.'

A autora afirma que *pero* não substitui o focalizador SER em todos os contextos. Em português, são possíveis as duas formas:

- (65) A: *¿No tienes hambre?*
'Tens fome?'
B: *No, tengo es/*pero sed.*
Não, tenho é/*mas sede.
'Não, tenho *é/mas* é sede.'

Apesar disso, em espanhol, tal como acontece em português, *pero* pode coocorrer com o verbo SER:

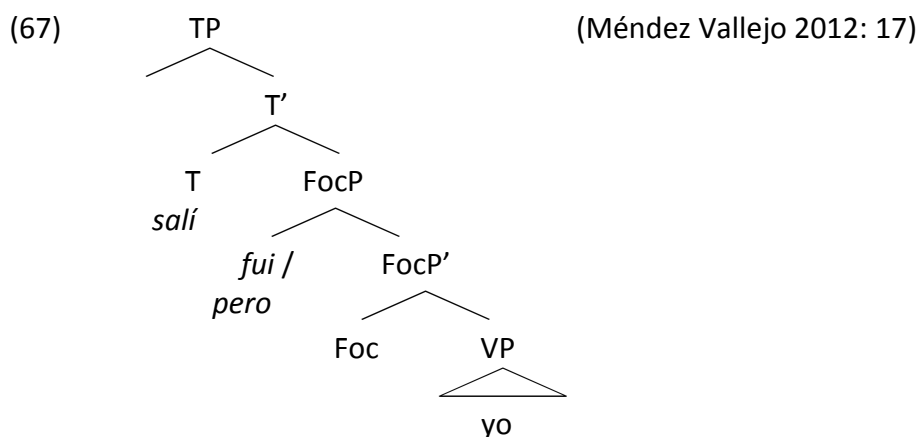
- (66) A: *¿No tienes hambre?*
'Não tens fome?'

B: *No, tengo es pero sed.*

Não, tenho é mas sede.

‘Não, tenho é *mas é* sede.’

A autora propõe também que, em espanhol, a expressão *pero* em dialetos sem focalizador SER ocupa a mesma posição sintática que o verbo SER ocupa em dialetos com o focalizador SER, sendo essa posição FocP. No exemplo (67), é possível observar a estrutura proposta por Méndez Vallejo (2012)⁷.



De acordo com Miotto (2012), a estrutura proposta por Méndez Vallejo tem problemas, porque a presença do núcleo de Foc deveria bloquear a subida do verbo para T, o que na realidade não acontece.

Nesta estrutura, a autora também não tem em conta os contextos em que *pero* coocorre com o verbo SER, isto é, se *pero* e *es* coocorrem numa só frase, como no exemplo (66B), não podem estar na mesma posição sintática, por isso, a estrutura proposta pela autora não parece ser a mais adequada.

II. 2. Propriedades da estrutura

II. 2. 1. Metodologia

⁷ Méndez Vallejo (2012: 17) admite que no espanhol de Bucaramanga é possível que SER ocupe uma posição mais alta do que a expressão *dizque* (marcador de foco em dialetos sem focalizador SER), visto que podem ocorrer na mesma frase (exemplo: *Fernanda llegó fue dizque acompañada*).

Para observar a produção espontânea da estrutura enfática com *mas* SER foi extraída uma amostra de ocorrências de *mas é*, *mas era* e *mas foi* do *website* da Linguateca CETEMPúblico⁸ (*Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT do jornal Público), totalizando 31 ocorrências, e todas as ocorrências de *mas é*, *mas era* e *mas foi* do *corpus* CORDIAL-SIN⁹ (*Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe), correspondendo a 22 ocorrências¹⁰.

Em relação ao CETEMPúblico, da amostra de 8000 ocorrências, 31 frases apresentavam a estrutura *mas* SER em contexto enfático, tendo as restantes valor adversativo.

No *corpus* CORDIAL-SIN (*Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe), levantaram-se todas as ocorrências de *mas é*, *mas era* e *mas foi* em contexto enfático em 42 regiões de Portugal, tendo-se identificado 22 ocorrências de *mas* SER.

Todas as ocorrências desta estrutura reproduzem a fala oral quotidiana, ou seja, esta estrutura não parece ser utilizada em registo escrito¹¹.

III. 2. 2. Posição sintática de *mas* SER

A estrutura enfática com *mas* SER é uma construção enfático-contrastiva que dá ênfase a complementos ou adjuntos, mas, ao contrário da clivada de SER, pode também ocorrer em posição final de frase. Abreu (2001) chama a estas diferentes posições variante pré-foco (68) e variante pós-frase (69):

(68) (a) A Marta vai *mas é* às compras.

(b) Para *mas é* com isso!

⁸ In <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>, 24 de outubro de 2016.

Só foi extraída uma amostra visto que, neste *corpus*, só se consegue procurar uma concordância de cada vez e visto que “*mas*” tem um número de ocorrências excessivo, por cada procura, o *website*, só dá uma amostra aleatória de 8000 ocorrências das 392852 ocorrências de “*mas*” encontradas. Dessas 8000 ocorrências, 31 eram de *mas* SER em contexto enfático.

⁹ In <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/226-corpus-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects-cordial-sin>, 25 de outubro de 2016.

¹⁰ Todas as ocorrências de *mas é*, *mas era* e *mas foi* extraídas dos *corpora* são em contexto enfático.

¹¹ Pelo menos, registo escrito formal.

- (69) (a) A Marta vai às compras, *mas é*.
(b) Para com isso, *mas é!*

Tal como se pode observar no exemplo seguinte, *mas SER* pode ocorrer em várias posições na frase: entre o verbo auxiliar e o verbo principal (70a), depois do verbo principal (70b) ou no fim da frase (70c), ou seja, tal como o verbo *SER* na clivada de *SER*, *mas SER* não tem uma posição fixa:

- (70) a. Vai *mas é* dormir, eu como polícias assim ao pequeno almoço.
(CETEMPúblico, par=ext15858-des-94b-2)
b. Ides jogar *mas é* p'ra II Divisão. (CETEMPúblico, par=ext31196-des-98a-3)
c. Queremos cooperar, *mas é*. (CETEMPúblico, par=ext252779-soc-97b-1)

Apesar de ser possível encontrar ambas as variantes, observa-se que a variante pré-foco é mais comum que a variante pós-frase. Nos *corpora*, em 54 ocorrências só houve uma única ocorrência de *mas é* pós-frase.

Fazendo referência a algumas propriedades sintáticas referidas por Bosque (1999), Curnow & Travis (2003) e Méndez Vallejo (2012) para a clivada de *SER*, a estrutura enfática com *mas SER* também permite a focalização de itens de polaridade negativa (71) e a subida de clíticos para uma posição acima do verbo *SER* (72). Estas duas propriedades podem ser argumentos para uma análise mono-oracional desta estrutura.

- (71) Não posso comer *mas é* nada.

- (72) a. Podes *mas é* ajudar-me.
b. Podes-me *mas é* ajudar.

Tal como as clivadas de *SER*, tendo em conta as propriedades identificadas por Vercauteren (2016: 282), *mas SER* também não pode ser negado, nem pode ser

modificado por auxiliares modais ou aspetuais nem por advérbios, nem pode intervir material lexical entre ‘mas’ e ‘é’.

- (73)
- a. *O Mário escreveu não *mas é* o livro.
 - b. *O Mário escreveu *mas* não é o livro.
 - c. *O Mário tem escrito pode ter sido *mas é* o livro.
 - d. *O Mário tem escrito *mas* pode ter sido é o livro.
 - e. *O Mário escreve *mas é* definitivamente o livro.
 - f. * O Mário escreve *mas* definitivamente é o livro.

Isto mostra que, tal como na clivada de SER, SER não tem conteúdo semântico, não funcionando como uma forma verbal plena. Ao não ter conteúdo semântico, a estrutura não pode ser negada, visto que a negação seleciona proposições, nem pode ser modificada por advérbios, nem por auxiliares aspetuais/modais, visto que estes selecionam eventos.

Em relação à posição sintática, *mas* SER não pode estar antes de um verbo em Flex/T (flexionado) (74) e quando coocorre com outra expressão focalizadora, por exemplo quando ocorre com a clivada de SER, é gramatical SER *mas* SER (75a), mas não **mas* SER SER (75b):

- (74) *Ele *mas era* estava doente.
- (75)
- a. Eles vieram cá *foi mas é* para fazer porcária.
 - b. *Eles vieram cá *mas é foi* para fazer porcária.

Isto mostra que *mas* SER pré-foco está numa posição abaixo de Flex/T e, uma vez que, quando SER e *mas* SER coocorrem, SER precede *mas* SER, conclui-se que o verbo SER, nas clivadas de SER, está numa posição mais alta que *mas* SER nas estruturas enfáticas com *mas* SER pré-foco. Em relação à estrutura enfática com *mas*

SER pós-frase, admito que está numa posição mais alta que toda a oração, uma vez que, não podendo flexionar, não parece estar sob o escopo de Flex/T, e focaliza a oração na sua totalidade.

III. 2. 3. Contextos ilocutórios

A estrutura enfática com *mas* SER pode aparecer tanto em frases declarativas, como em frases imperativas, exclamativas e até interrogativas.

O tipo ilocutório mais comum para esta estrutura são as frases declarativas, imperativas e exclamativas:

- (76) Tínhamos medo *mas era* dos bonés, dos guardas. (CORDIAL-SIN, FIG(6))
- (77) Volta *mas é* para o Brasil! (CETEMPúblico, par=ext88855-soc-92a-3)
- (78) Ele haviam de dar *mas era* uma enxada para irem para a serra cavar alqueves! (CORDIAL-SIN, AAL(4))

Esta estrutura pode funcionar associada a tipos ilocutórios interrogativos em certos contextos:

- (79) A: Onde moras?
B: Eu não te vou dizer, como é óbvio.
A: Onde moras, *mas é*?
- (80) A: Tu não falas assim para mim!
B: Queres um estalo, *mas é*?

Tal como se pode observar nos exemplos acima, *mas* SER é gramatical tanto em interrogativas parciais (79) como em interrogativas totais (80), ao contrário do que é afirmado por Abreu (2001).

Tanto no *corpus* do CETEMPúblico como no *corpus* do CORDIAL-SIN, a estrutura enfática com *mas* SER ocorre em frases exclamativas (81 e 82), imperativas (83 e 84) e declarativas (85 e 86), não havendo nenhuma ocorrência em contexto interrogativo.

- (81) Convém *mas é* agir desde já! (CETEMPúblico, par=ext77174-clt-93a-1)

- (82) Ele haviam de dar *mas era* uma enxada para irem para a serra cavar alqueves! (CORDIAL-SIN, FIG(6))
- (83) Vamos *mas é* guardar os foguetes em lugar seguro e só fazer a festa no dia 14. (CETEMPúblico, par=ext56273-pol-96a-2)
- (84) Deixa-me *mas é* passar já antes... (CORDIAL-SIN, EXB(9))
- (85) Nós ainda vamos *mas é* ao festival dançar... (CETEMPúblico, par=ext120290-nd-97b-1)
- (86) Querem *mas é* estar a rir-se e a conversar. (CORDIAL-SIN, PFT (2))

Em relação à variante pós-frase desta estrutura, pode-se afirmar que tem um uso mais restrito, sendo esta variante mais comum e aceitável num contexto imperativo, como nos exemplos (87) e (88), ou exclamativo, como no exemplo (89). Em relação às frases declarativas (90 e 91), elas só serão possíveis se houver um contraste implícito. Sendo assim, *mas SER* pós-frase é sensível ao tipo ilocutório da frase.

- (87) Traz-me o comando, *mas é*!
- (88) Olha para a estrada, *mas é*!
- (89) Estás maluco, *mas é*!
- (90) A: Já estou a ficar aborrecida. Ele não discursa nada!
B: Ele discursa muito bem, *mas é*.
- (91) A: Passas o dia a beber sumo! Nunca te vejo a beber água.
B: Eu até bebo água a mais, *mas é*.

Em relação ao contexto interrogativo, observa-se que só serão possíveis em contextos muito específicos e de contraste expressamente implícito.

- (92) A: Eu não quero estudar mais!
B: Estás *mas é* a brincar...
A: Não quero mais! A partir de hoje, não vou mais à escola!
B: Queres um estalo, *mas é*?

Pode-se concluir que: a estrutura enfática com *mas SER* é comum em contextos imperativos, exclamativos e declarativos, sendo que tem um uso restrito em frases interrogativas; a variante pós-frase desta estrutura tem um uso ainda mais restrito que a variante pré-foco, visto que poderá ser estranha em contextos declarativos, se estes

não tiverem um contraste implícito, e é bastante limitada em relação a contextos interrogativos, apesar de ser gramatical em interrogativas parciais e totais.

III. 2. 4. Tipo de constituinte clivado

Tal como a clivada de SER, a estrutura enfática com *mas* SER não impõe restrições ao constituinte clivado:

- (93) a. Dá-me *mas é* [_{DP} a resposta]. (CETEMPúblico, par=ext125292-clt-97a-1)
- b. Mandou fazer *mas foi* [_{NP} casas]. (CORDIAL-SIN, CBV(5))
- c. Qualquer dia fico *mas é* [_{PP} por Portugal]. (CETEMPúblico, par=ext121040-soc-92b-1)
- d. Eu queria *mas é* [_{CP} que ele lavasse a louça].
- e. Olha, vamos *mas é* [_{VP} tratar] e vamos-nos casar. (CORDIAL-SIN, STA(17))
- f. Ele corre *mas é* [_{AdvP} muito devagar].
- g. É *mas é* [_{AP} giro]. (CETEMPúblico, par=ext57320-soc-96b-2)

Nos dados dos *corpora*, observa-se que o constituinte clivado pode ser ainda uma oração (94), um domínio infinitivo (95), uma oração infinitiva preposicionada (96) ou uma oração adverbial finita (97):

- (94) Queremos cooperar, *mas é*. (CETEMPúblico, par=ext252779-soc-97b-1)
- (95) Deixa-me *mas é* passar já antes... (CORDIAL-SIN, EXB(9))
- (96) Nós viemos cá foi *mas é* para ver umas amigas nossas. (CETEMPúblico, par=ext160218-soc-98b-2)
- (97) A rafia é boa *mas é* quando é para atar. (CORDIAL-SIN, UNS(13))

Isto mostra que *mas* SER não tem conteúdo semântico, tal como o verbo SER na clivada de SER e pode, portanto, ter um constituinte de qualquer tipo categorial, visto que não impõe restrições ao constituinte clivado.

III. 2. 5. Distribuição sintática do constituinte clivado

Nos *corpora* analisados para esta dissertação, encontrou-se constituintes clivados com diferentes funções sintáticas: sujeitos DP (98), sujeitos oracionais (99), complementos diretos (100), complementos oblíquos (101), complementos do nome (102), constituintes verbais/domínios não finitos (103), predicativos do sujeito (104), predicativos do objeto (105), modificadores (final) (106) e modificadores do predicado (107).

- (98) Esfarrapam *mas é* as bravas. (CORDIAL-SIN, LAR(11))
- (99) Pois, convém *mas é* agir desde já! (CETEMPúblico, par=ext77174-clt-93a-1)
- (100) Tragam *mas é* os onze. (CETEMPúblico, par=ext240000-des-95a-1)
- (101) Volta *mas é* para o Brasil! (CETEMPúblico, par=ext88855-soc-92a-3)
- (102) Tínhamos medo *mas era* dos bonés, dos guardas. (CORDIAL-SIN, AAL(4))
- (103) Deixa-me *mas é* passar já antes... (CORDIAL-SIN, EXB(9))
- (104) Somos *mas é* uns grandes mentirosos. (CETEMPúblico, par=ext60373-opi-97a-2)
- (105) Mas eles comiam-na *mas era* bem temperada. (CETEMPúblico, par=ext153208-nd-94a-2)
- (106) Nós viemos cá foi *mas é* para ver umas amigas nossas» (CETEMPúblico, par=ext160218-soc-98b-2)
- (107) Os 'rinzes' não, que eles ficavam no (próprio) porco; tirava-se *mas era* a seguir. (CORDIAL-SIN, EXB(10))

Para confirmar que a estrutura enfática com *mas* SER não impõe restrições à função sintática do constituinte clivado, excetuando a impossibilidade de clivar modificadores de frase, teve de se confirmar com as funções sintáticas que não se encontram nos *corpora* como complementos indiretos (108) e modificadores nominais (com leitura predicativa) (109):

- (108) Os alunos ofereceram este livro *mas foi* ao Professor João.

(109) Veste a camisola *mas é* lavada.

De acordo com a proposta de Vercauteren (2016: 285-299) para a clivada de SER, e sendo esta uma propriedade comum a todas as clivadas, a estrutura enfática com *mas* SER também é agramatical antes de projeções funcionais que têm advérbios (advérbios em posição de especificadores funcionais) (110) e adjetivos atributivos (111a):

(110) *O João falou com a sua mãe *mas foi* provavelmente.

(111) a. *Come o feijão *mas é* preto.

 b. Veste a camisola *mas é* lavada.

Vercauteren (2016: 307-308) propõe também que o constituinte focalizado tem de ser c-comandado pelo verbo SER, que é demonstrado pelo facto de o constituinte clivado não poder ser movido:

(112) *O que é que a Joana gosta *mas é* [-]?

Esta subsecção mostra que SER, ao não ter conteúdo semântico, adquire as mesmas propriedades interpretativas que o seu complemento. A agramaticalidade dos exemplos acima deve-se ao facto de vP não poder aparecer na posição de especificador, nem de núcleo que não selecionem constituintes verbais (D, P e C), nem de projeções funcionais que têm advérbios e adjetivos atributivos, tal como já foi discutido na subsecção II.1.1.¹²

III. 2. 6. Propriedade de *mas* SER flexionar

Em relação à propriedade de *mas* SER flexionar, de acordo com os contextos, é possível observar que a estrutura flexiona em tempo, e nunca em modo ou em pessoa e número, e SER pode estar associado a três tempos verbais: presente do indicativo

¹² Esta restrição parece não ser exclusiva de SER/*mas* SER focalizador, estendendo-se a outras partículas de focalização, como é o exemplo de alguns advérbios focalizadores:

- i) Só o Pedro comeu uma banana.
- ii) *O só Pedro comeu algumas cerejas.
- iii) O Pedro só comeu algumas cerejas.
- iv) O Pedro comeu só algumas cerejas.
- v) *O Pedro comeu algumas só cerejas.

Se assim for, isto pode ser uma restrição geral sobre a modificação de constituintes e não estar relacionado com as propriedades verbais de SER/*mas* SER.

(*mas é*), pretérito imperfeito do indicativo (*mas era*) e pretérito perfeito do indicativo (*mas foi*):

(113) a) Vou-me embora *mas é* para as Vergas. (CORDIAL-SIN, GRC(16))

b) Havia de matar *mas era* as bravas. (CORDIAL-SIN, AAL(3))

c) Mandou fazer *mas foi* casas. (CORDIAL-SIN, CBV(5))

A estrutura com *mas* SER não tem necessariamente de ter o mesmo tempo verbal que o verbo que a precede, tal como se pode observar nos exemplos seguintes¹³, ou seja, não existe uma concordância temporal obrigatória com o verbo anterior:

(114) Acha que «foram *mas é* vendidos vivos a outro pastor, mesmo tendo brucelose». (CETEMPúblico, par=ext20293-nd-93b-1)

(115) «Se viessem *mas é* cortar milho», grita-nos uma lavradora que faz uma pausa no trabalho para ver passar os jipes. (CETEMPúblico, par=ext175738-soc-95b-2)

Apesar desta propriedade de flexão, é possível observar, tanto em juízos de gramaticalidade como pela análise dos *corpora*, que a estrutura com *mas é*, ou seja, a estrutura no presente do indicativo, é mais frequente que a estrutura no pretérito imperfeito e perfeito, sendo esta última a menos frequente das três. Isto pode querer dizer que a estrutura está a passar por um processo de gramaticalização. No *corpus* do CETEMPúblico (ver anexo) é possível observar que em 32 ocorrências, se encontram 30 *mas é*, 1 *mas era* e nenhuma ocorrência de *mas foi*, enquanto no *corpus* do CORDIAL-SIN, em 22 ocorrências, encontram-se 15 *mas é*, 6 *mas era* e 1 *mas foi*.

Como se pode observar, em relação à flexão verbal, a estrutura enfática com *mas* SER difere bastante da clivada de SER. *Mas* SER no presente do indicativo aparece

¹³ Nos casos em que temos *mas* SER no presente do indicativo, estas são as únicas ocorrências em que não há concordância com o verbo principal.

num maior número de contextos, apesar de *mas era* e *mas foi* não serem agramaticais em contexto enfático. Por exemplo, em contextos em que a frase está no pretérito perfeito do indicativo, a estrutura enfática com *mas SER* poderá estar no presente do indicativo (116). Em relação à clivada de *SER*, o verbo *SER* tem de estar obrigatoriamente no mesmo tempo verbal que o verbo que o precede (117):

(116) a. Ele esteve *mas foi* em pé o dia todo.

b. Ele esteve *mas é* em pé o dia todo.

(117) a. Ele comeu *foi* favas.

b. *Ele comeu *é* favas.

Tal como é possível observar nos exemplos abaixo, a estrutura enfática com *mas SER* pode coocorrer com a clivada de *SER*, o que mostra que são estruturas diferentes, visto que, ao coocorrerem, não poderão estar na mesma posição sintática.

Quando a estrutura enfática com *mas SER* está a coocorrer com a clivada de *SER*, *mas SER* só ocorre no presente do indicativo, independentemente do tempo verbal do verbo *SER* anterior, sendo a estrutura agramatical quando ocorre no pretérito perfeito ou no pretérito imperfeito:

(118) Nós viemos cá *foi mas é* para ver umas amigas nossas», lança, em jeito de provocação, o Igor, de 13 anos, que mora «lá em cima, em Stº António dos Cavaleiros». (CETEMPÚBLICO, par=ext160218-soc-98b-2)

(119) a. Nós vínhamos cá *era mas é* para comer.

b. *Nós vínhamos cá *era mas era* para comer.

Isto mostra que *mas SER* está mais gramaticalizado que *SER*.

Em relação ao contexto pós-frase desta estrutura, é possível observar que *mas SER* só ocorre no presente do indicativo:

(120) a. Queremos cooperar, *mas é*. (CETEMPúblico, par=ext252779-soc-97b)

b. Queríamos cooperar, *mas é/*mas era*.

c. Quisemos cooperar, *mas é/*mas foi*.

Visto que está a focalizar toda uma oração e não só um constituinte frásico e que não flexiona, nem em tempo nem em número/pessoa/modo, é plausível que *mas* SER pós-frase esteja numa posição sintática mais alta que *mas* SER pré-foco.

Pode-se afirmar que a estrutura enfática com *mas* SER pré-foco não tem as mesmas propriedades que *mas é* pós-frase. As diferenças entre as duas prendem-se com a posição sintática, com os contextos ilocutórios que lhes estão associados, com a propriedade de flexionarem e com os constituintes focalizados por ambas.

III. 2. 7. Conclusões finais

O objetivo deste capítulo foi demonstrar o funcionamento da estrutura enfática com *mas* SER, mostrar contextos em que se diferenciava da clivada de SER e aspetos particulares desta construção.

A partir dos exemplos dados, intuições de falantes, contrastes de gramaticalidade e dados de *corpora*, foi possível classificar propriedades, definir comportamentos e encontrar aspetos singulares desta construção em específico.

Tal como foi referido, a estrutura enfática com *mas* SER é uma construção enfático-contrastiva, que focaliza constituintes frásicos, e que só flexiona em tempo (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo), sempre na terceira pessoa do singular, portanto esta estrutura só aparece nas formas *mas é*, *mas era* e *mas foi*.

Em relação às propriedades desta estrutura, admite-se que *mas* SER não tem uma posição fixa na frase, visto que pode ocorrer em várias posições, apesar de ser sempre entre T e antes do constituinte focalizado, e observa-se também que permite a focalização de polaridade negativa e a subida de clíticos por cima de *mas* SER, algo que também é possível com a clivada de SER. A estrutura enfática com *mas* SER não pode

ser negada, nem pode ser modificada por auxiliares modais ou aspetuais nem por advérbios.

Outro dos argumentos que diferenciam a estrutura enfática com *mas* SER da clivada de SER é a coocorrência das duas, pelo menos quando *mas* SER está no presente do indicativo, o que mostra que não estão na mesma posição sintática, isto é, SER está numa posição mais alta que *mas* é.

A estrutura enfática com *mas* SER encontra-se tanto em frases declarativas, como em imperativas, exclamativas e interrogativas, apesar de o contexto interrogativo ser um pouco problemático. A variante pós-frase tem um uso restrito e aparenta ser problemática em relação a contextos declarativos e interrogativos.

Tal como na clivada de SER, a estrutura enfática com *mas* SER não impõe restrições ao tipo de constituinte clivado nem à função sintática do constituinte clivado, à exceção da clivagem/focalização de modificadores de frase (adverbiais).

Em relação à flexão de ambas as variantes (pré-foco e pós-frase), é possível observar que a variante pré-foco poderá não concorda em tempo com o verbo principal da oração, enquanto a variante pós-frase tem obrigatoriamente de estar no presente do indicativo.

Conclui-se, portanto, que, tal como na clivada de SER, *mas* SER não tem conteúdo semântico, isto é, não funciona como uma forma verbal plena e pode, portanto, ter um constituinte de qualquer tipo categorial. Observa-se também que *mas* SER está em processo de gramaticalização, visto que há casos em que a flexão em tempo não é possível. *Mas* SER parece funcionar como uma forma híbrida que ainda mantém alguns traços verbais ativos, como é o caso da flexão verbal, o que mostra que *mas* SER poderá ser um complexo verbal ou uma partícula de focalização em processo de gramaticalização.

CAPÍTULO IV: SER E FOCO – PROPRIEDADES INTERPRETATIVAS

Sabe-se que o constituinte clivado nas construções clivadas é focalizado, portanto, para caracterizar as construções clivadas em geral e esta construção em particular há que ter em conta a noção de foco.

A clivada de SER e a estrutura enfática com *mas* SER, como são construções que têm como objetivo colocar em destaque/focalizar um constituinte da frase (sujeito, objetos ou adjuntos), podem ser analisadas relativamente às suas propriedades interpretativas, nomeadamente em relação ao conceito de foco.

Praticamente todas as construções clivadas do português são usadas para introduzir tanto foco informacional como foco contrastivo, à exceção da clivada de *é que*, que não vai ser desenvolvida neste trabalho, da clivada de SER e da estrutura enfática com *mas* SER que só aparentam introduzir foco contrastivo.

IV. 1. Tipos de foco e perspetivas sobre a codificação de foco na sintaxe

Na literatura são diferenciados, maioritariamente, dois tipos de foco: foco informacional, que introduz informação nova, e foco contrastivo, que contrasta com alguma informação dada contextualmente.

Rooth (1992) considera que todos os tipos de foco, isto é, foco que expressa informação nova e foco que expressa contraste, são, na sua essência, o mesmo, ou seja, as diferenças de interpretação do foco devem-se a fatores pragmáticos e não semânticos, visto que a interpretação depende do tipo de antecedente do foco.

Ao contrário desta última hipótese, É. Kiss (1998) considera que estes dois tipos de foco (foco informacional/apresentativo e foco identificacional/contrastivo) têm propriedades semânticas e sintáticas diferentes.

De acordo com a autora, É. Kiss (1998: 245-246), os dois tipos de foco têm propriedades sintáticas diferentes: o foco identificacional move-se para uma posição de especificador de uma projeção funcional, enquanto o foco informacional não está associado a movimento (não tem posição específica na frase).

É. Kiss (1998: 248) aponta ainda várias diferenças entre os dois tipos de foco: i) o foco contrastivo expressa exaustividade, ao contrário do foco informacional, que expressa a natureza não pressuposta da informação dada, ii) o foco contrastivo impõe restrições a certos constituintes, como por exemplo restrições a quantificadores universais, e iii) o foco contrastivo pode ser iterativo, enquanto o foco informacional pode projetar e não tem posição específica na frase.

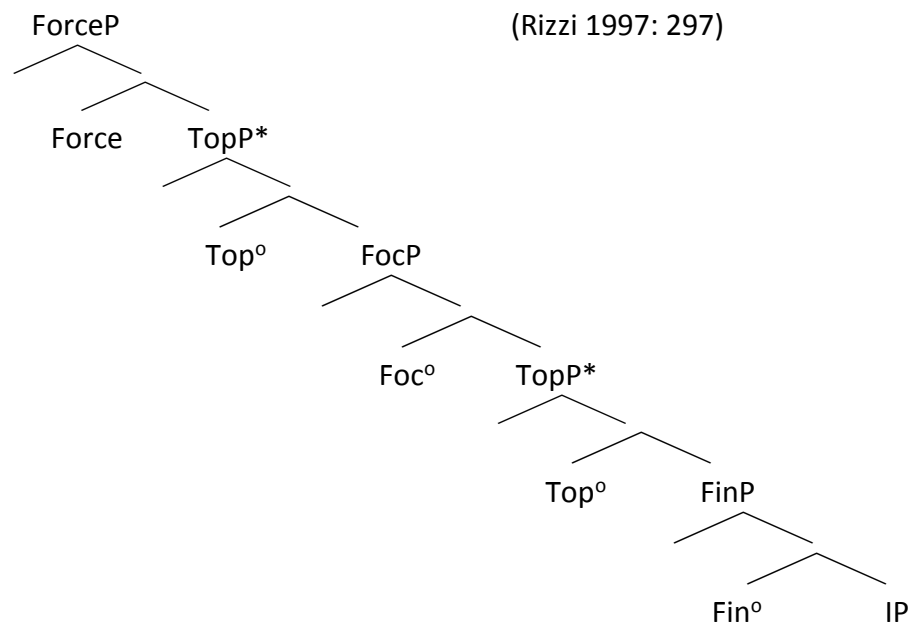
Outra das questões que se prende com a análise da informação de foco, e em que há divergência entre os autores, é saber se esta informação é codificada na sintaxe ou se estamos perante uma interface sintaxe-discurso.

Alguns autores assumem que há uma categoria funcional Foco na periferia esquerda da frase, outros assumem que Foco é determinado na interface com o discurso.

Rizzi (1997) ao analisar a estrutura da periferia esquerda da oração, propõe uma estrutura dividida para o sintagma complementador (CP), com uma série de projeções funcionais organizadas hierarquicamente de acordo com propriedades discursivas¹⁴ (121). Este autor, ao longo do seu trabalho, mostra evidências para a posição de todos os sintagmas entre Force e Fin, como por exemplo, a informação de tópico e foco, afirmando que se um tópico quiser ser interpretado como um tópico terá de estar na posição de especificador de TopP, sendo que o mesmo acontece com a informação de foco (especificador de FocP). O autor chama a este critério: *Topic and Focus Criteria* (Rizzi 1997: 287).

¹⁴ O símbolo de asterisco (*) significa que o sintagma poderá ser recursivo.

(121)



Uma das diferenças observadas pelo autor para TopP e FocP é que o foco é quantificacional, ao contrário de um tópico, isto é, os sintagmas focalizadores poderão ter inúmeros valores, ou seja, são variáveis, enquanto que, no caso de um tópico, a informação/valor não é variável, o que é chamado por Rizzi (1997: 291) *null constants*.

Como se pode observar pela análise de Rizzi (1997), o autor assume que as características discursivas são codificadas na sintaxe. Outros autores, como Costa (1998) e Costa & Figueiredo Silva (2006), pelo contrário, afirmam que o foco é codificado no discurso (noção semântico-pragmática) e não na sintaxe.

Estes autores não consideram que os constituintes focalizados têm obrigatoriamente de ocorrer na posição de especificador de uma categoria funcional (*Focus Phrase*), ou seja, não consideram uma análise que envolve movimento do constituinte focalizado para uma categoria funcional específica, mas sim que os constituintes focalizados ocorrem numa posição *in situ*.

De acordo com estes autores, em algumas línguas, o foco está na posição mais à direita da oração, distinguindo línguas que têm discurso configuracional, como o português, onde a informação de foco está na posição mais à direita da oração, e línguas que não têm discurso configuracional, como o inglês, onde o foco poderá não estar na posição mais à direita, mas ainda assim continuar *in situ*, como acontece, por exemplo, quando há focalização de um sujeito. Ainda assim, estes autores admitem

que, nos casos onde a sintaxe, isto é, a ordem de palavras, não codifica XPs focalizados é utilizada a prosódia como recurso.

Vercauteren (2016: 14-15) afirma que um dos problemas em admitir que o discurso não é codificado na sintaxe é existir em línguas em que partículas discursivas estão sistematicamente na mesma posição sintática, como é o caso do japonês e do gungbe (língua gbe). No caso do japonês, a marcação de tópico é feita com a partícula *wa*, que está sempre no início da oração, e no caso do gungbe, a marcação de tópico é feita com a partícula *yà* enquanto a marcação de foco é feita com a partícula *wè*, estando ambas numa posição pré-sujeito. Isto mostra que, em algumas línguas, as propriedades discursivas estão codificadas na sintaxe e aparentam mover-se para posições sintáticas específicas.

Belletti (2004) admite que a presença de uma característica de foco num certo constituinte desencadeia movimento, desse constituinte, para uma categoria específica de foco. Esta autora afirma que existe uma segunda categoria funcional Foco mais baixa na periferia esquerda do vP e propõe duas categorias Foco na oração. As duas categorias Foco iriam estar associadas a interpretações diferentes: FocP que se encontra na periferia esquerda da oração codificaria a informação de foco contrastivo, enquanto FocP que se encontra na periferia de vP codificaria informação nova (foco informacional), ou seja, de acordo com esta hipótese, tipos de foco diferentes têm representações sintáticas diferentes.

Um problema para esta hipótese apontado por Vercauteren (2016) é a possibilidade de haver mais de dois constituintes associados a foco informacional numa oração, ou seja, teria de haver mais categorias funcionais FocP, o que, consequentemente, traria problemas para definir qual a posição sintática específica para cada constituinte focalizado que é movido. A autora afirma que não há uma relação entre posição sintática e interpretação e propõe, em alternativa, que nem todos os constituintes focalizados se movem para FocP.

Como se pôde observar na subsecção II.1.1, também relativamente às clivadas se discute se há ou não uma categoria funcional específica para foco. Alguns autores,

como Bosque (1999), Méndez Vallejo (2009b) e Kato & Miotto (2012) assumem que existe uma categoria funcional específica para foco. Bosque (1999) admite que o focalizador SER está *in situ*, que ocupa a posição de núcleo de FocusP, gerado dentro de um VP, e que a frase focalizada é seu complemento. Méndez Vallejo (2012) afirma que SER é gerado dentro de um FocP, no qual o núcleo (Foc) é nulo e o especificador é ocupado por SER. Kato & Miotto (2012) assumem que o constituinte clivado se move para a periferia esquerda de FocP. Ou seja, apesar de todos estes autores proporem estruturas sintáticas diferentes, todos estes consideram que existe uma categoria sintática onde é codificada a informação de foco. Ao contrário destes autores, Vercauteren (2016) assume que o foco não tem necessariamente de se mover para uma categoria FocP, visto que nem sempre ocorre um movimento A', como é o caso das clivadas canónicas, das pseudoclivadas e das clivadas de SER. Esta autora propõe que o constituinte focalizado poderá não se mover para FocP e poderá permanecer *in situ*, ou seja, poderá estar na sua posição base, como é o caso do português europeu.

Neste trabalho, apesar de a codificação do foco ser bastante polémica, admite-se que pode haver categorias específicas marcadoras de foco, mas que a marcação exclusivamente sintática de foco não é obrigatória, podendo a interpretação de foco ser determinada na interface sintaxe-discurso.

IV. 2. Foco na Clivada de SER e na Estrutura Enfática com *Mas* SER

De acordo com o que foi discutido na secção anterior, irá descrever-se os valores de foco associados às clivadas de SER e às estruturas enfáticas com *mas* SER, de maneira a observar se estas estão associadas a mais que um tipo de foco ou se estão associadas a um foco específico.

IV. 2. 1. Clivada de SER e foco

No espanhol, a construção clivada de SER pode tanto introduzir foco informacional (122 e 123) como foco identificacional/contrastivo (124 e 125), tal como mostram Curnow & Travis (2003), Camacho (2006) e Méndez Vallejo (2012).

(122) A: *Examen de sangre?*

(Curnow & Travis 2003: 8)

‘Exame de sangue?’

B: *Me – Hermana, me hicieron un poco de exámenes oyó?*

Me, irmã, me fizeram um pouco de exames ouviste?

‘A mim, irmã, fizeram-me alguns testes, entendes?’

D: *Pero = -- le sacaron fue sangre?*

‘Mas, eles tiraram foi sangue?’

(123) A: *¿Qué compraste?* (Méndez Vallejo 2012: 6)

Que compraste?

‘O que é que compraste?’

B: *Compré fue vino.*

‘Comprei foi vinho.’

(124) A: *¿Compraste vino o cerveza?* (Méndez Vallejo 2012: 6)

‘Compraste vinho ou cerveja?’

B: *Compré fue vino.*

‘Comprei foi vinho.’

(125) A: *Mi mamá no toma agua.* (Curnow & Travis 2003: 8)

Minha mãe não toma água.

‘A minha mãe não bebe água.’

B: *Toma es pura gaseosa.*

Toma é só gasosa.

‘Bebe é só gasosa.’

Apesar de estes autores admitirem que a clivada de SER para o espanhol marca tanto foco informacional como identificacional/contrastivo, tem-se em conta que alguns autores, como Bosque (1999), Miotto (2012) e Kato & Miotto (2016), afirmam que as clivadas de SER não expressam foco informacional e só introduzem foco identificacional/contrastivo.

Observa-se, portanto, que no espanhol foco informacional está associado à focalização com SER. Em contrapartida, na língua portuguesa isso já não acontece. A clivada de SER em português só introduz foco contrastivo, ou seja, só é possível focalizar com SER se houver um contraste implícito.

(126) A: O que é que andaste a aspirar? A casa estava limpa!

B: Andei *foi* a aspirar o carro.

(127) A: Telefonaste ao pai?

B: Telefonei *foi* à mãe.

Uma propriedade que é habitualmente associada a foco e às clivadas em geral é a exaustividade. É. Kiss (1998), no seu trabalho, usa a presença ou a ausência de exaustividade como argumento para distinguir foco identificacional e foco informacional. Foco identificacional/contrastivo não é compatível com constituintes frásicos com *até* e *também*, visto que implicam que estão outros elementos em causa que não foram especificados, enquanto o foco informacional não impõe restrições ao tipo de constituinte.

Vercauteren (2016: 66) afirma que as clivadas de SER não são necessariamente exaustivas, isto é, não estão necessariamente associadas a exaustividade, dando os seguintes exemplos:

- (128) a. Muitos tinham um cavalo e # o que muitos tinham era éguas.
- b. Li foi até/também este livro.
- c. Chegou atrasado foi o Joker, e o Bane também.

Sendo que estas estruturas só aparentam introduzir foco contrastivo, de acordo com a hipótese de É. Kiss (1998), não poderiam ser compatíveis com estes constituintes frásicos, o que não se verifica.

IV. 2. 2. Estrutura enfática com *mas* SER e foco

A estrutura enfática com *mas* SER, tal como a clivada de SER, também só introduz foco contrastivo¹⁵ (129, 130 e 131):

- (129) INF1 (...) É claro, e depois vão então mulheres – que agora os homens já poucos querem trabalhar. (...) Querem tudo andar *mas é (...) na orgia e na paródia*. (CORDIAL-SIN, MTV(18))

- (130) INF (...) Ela vai, ou se calhar as duas, elas vão lá apanhar as uvas, não vão apanhar as uvas verdes, nem as uvas que estão muito viceiras, nem nada. Apanham *mas é uvas muito passadinhas*, tanto faz ser as brancas como ser as tintas que apanham. (CORDIAL-SIN, MTV(19))

- (131) INF2 E semeava-se muito milho mas era (...) para a maçaroca.
 INF1 Para secar.
 INF2 E agora semeiam é para o gado. É para o gado.
 INF1 E agora semeiam muito milho *mas é* para o gado. (CORDIAL-SIN, CLH (21))

Pode-se observar e confirmar com os exemplos acima, que a estrutura enfática com *mas* SER só introduz foco contrastivo. Em (129) ‘querer “andar na orgia e na paródia”’ contrasta com ‘querer “trabalhar”’, em (130) ‘apanhar uvas “passadinhas”’

¹⁵ Todas as ocorrências retiradas de *corpora* e de intuições de falantes mostram que a estrutura enfática com *mas* SER só é produzida em casos contrastivos (ver exemplos de *corpora* em anexo).

contrasta com ‘apanhar “uvas verdes” ou ‘as que estão “muito viceiras”’ e em (131) ‘semear milho “para a maçaroca”’ contrasta com ‘semear milho “para o gado”’.

Em contrapartida, estas estruturas são estranhas em contextos de foco informacional (132, 133 e 134):

(132) A: O que é que andaste a fazer o dia todo?

B: ??Andei *mas foi* a estudar.

(133) A: O que é que compraste hoje?

B: ??Comprei *mas foi* uns bifos para fazer para o almoço.

(134) A: Onde andaste o dia todo?

B: ??Passei o dia todo a limpar a casa, *mas é*.

Em relação ao tipo de foco, sabe-se que as estruturas enfáticas com *mas* SER focalizam sujeitos, complementos, constituintes verbais/domínios não finitos, predicativos de sujeito e de objeto, modificadores nominais e modificadores do predicado, à exceção de modificadores de frase adverbiais, tal como se observou na subsecção III.2.2.

Vercauteren (2016) observa, em relação às clivadas de SER, que o constituinte clivado poderá ser um quantificador negativo ou existencial (135), enquanto no caso das pseudoclivadas, o constituinte clivado impõe restrições a estes tipos de constituintes (136).

(135) a. Eles não sabem é nada. (PAL) (CORDIAL-SIN *Apud* Vercauteren (2016: 57))

b. As testemunhas viram foi alguém. (Vercauteren (2016: 57))

(136) a. ??Quem se apaixonou pelo Batman não foi ninguém. (Vercauteren 2016: 57)

b. ??Quem se apaixonou pelo Batman foi alguém.

A estrutura enfática com *mas* SER identifica-se com a clivada de SER na medida em que também funciona com quantificadores negativos e quantificadores existenciais:

(137) a. Eles não sabem *mas é* nada.

b. Para este trabalho eles já não querem *mas é* ninguém!

c. Chama *mas é* alguém para te ajudar!

Observa-se também que as diferentes variantes da estrutura enfática com *mas* SER focalizam constituintes diferentes. Enquanto a estrutura enfática com *mas* SER pré-foco focaliza um constituinte (138) ou mais constituintes (139), a estrutura enfática com *mas é* pós-frase focaliza toda a oração (140):

(138) O Manuel vai *mas é* às compras.

(139) O Manuel vai *mas é* às compras com a Maria.

(140) Vai estudar matemática, *mas é*!

O exemplo (140) mostra que o que é focalizado não tem necessariamente de se mover para uma posição específica, visto que, ao serem focalizados, todos os constituintes frásicos permanecem na mesma posição.

Ainda em relação à variante pós-frase da estrutura enfática com *mas* SER, observa-se que também só introduz foco contrastivo (141).

(141) Queremos competir, *mas é*! Não queremos ficar no banco a assistir.

Tal como as clivadas de SER, a estrutura enfática com *mas* SER também não parece estar associada a exaustividade:

(142) a. Leio *mas é* também este livro!

- b. Leio *mas é* até este livro!
- c. Eles querem *mas é* também estar a rir-se e a conversar.
- d. Eles haviam de matar *mas era* as bravas até.

Tal como acontece nas clivadas de SER, estas estruturas só introduzem foco contrastivo, então, de acordo com a hipótese de É. Kiss (1998), estas estruturas não poderiam ser compatíveis com estes constituintes frásicos, o que também não se verifica.

IV. 3. Conclusões

Conclui-se, neste capítulo, que a clivada de SER, em português, só introduz foco contrastivo, tal como a estrutura enfática com *mas* SER, e que ambas as estruturas são agramaticais se introduzirem um constituinte que contenha informação nova, ou seja, um constituinte que não contraste com nenhuma informação dada contextualmente. Conclui-se também que ambas as estruturas mencionadas não estão necessariamente associadas a exaustividade.

CAPÍTULO V: CLIVADA DE SER E ESTRUTURA ENFÁTICA COM MAS SER

V. 1. Comparação das propriedades das estruturas

Como pôde ser observado nos capítulos anteriores, a clivada de SER e a estrutura enfática com *mas SER*, apesar de muito idênticas, conseguem-se distinguir em vários aspetos.

Em relação às propriedades comuns entre as estruturas estão:

- a flexão do verbo copulativo SER em tempo, mas não em modo, no presente do indicativo, no pretérito perfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo, e sempre na terceira pessoa do singular;
- a possibilidade de o verbo SER ocorrer em diferentes posições na frase (pode ocorrer antes ou depois do verbo principal da frase);
- a compatibilidade com diferentes tipos ilocutórios;
- a não imposição de restrições ao tipo de constituinte clivado nem à função sintática do constituinte clivado (à exceção de modificadores adverbiais);
- a permissão da focalização de polaridade negativa e da subida de clíticos acima de SER;
- a impossibilidade de negar o focalizador SER/*mas SER* e de o modificar por auxiliares modais ou aspetuais e advérbios;
- a impossibilidade de clivar adjetivos atributivos, ao contrário de adjetivos predicativos, e advérbios em posição de especificadores funcionais;

- a introdução de foco contrastivo e a impossibilidade de introduzirem foco informacional.

As propriedades distintas de ambas as estruturas são:

- a posição pós-frase na clivada de SER é agramatical, enquanto na estrutura enfática com *mas* SER é gramatical, apesar de esta só se encontrar no presente do indicativo;
- a estrutura enfática com *mas* SER não tem necessariamente de ter o mesmo tempo verbal que o verbo principal da oração, o que mostra que o verbo principal não condiciona a flexão do verbo copulativo SER neste tipo de estrutura, ao contrário do que acontece com a clivada de SER.

Dentro da estrutura enfática com *mas* SER também se observam diferenças em relação às diferentes posições e flexão do verbo SER, entre as quais:

- a variante pré-foco poderá flexionar de acordo com o verbo principal da oração, mas a variante pós-frase encontra-se sempre no presente do indicativo;
- a estrutura enfática com *mas* SER pré-foco está associada a contextos ilocutórios diferentes da estrutura enfática com *mas* SER pós-frase;
- na variante pré-foco são clivados/focalizados constituintes, enquanto na variante pós-frase é clivada/focalizada toda a oração.

V. 2. Resultados e proposta

Tendo em conta as propriedades em comum e as diferenças entre as estruturas mencionadas, importa verificar se essas propriedades justificam que se lhes atribua uma análise sintática diferenciada.

As propriedades a ter em conta para uma análise sintática diferenciada da estrutura enfática com *mas* SER são:

- os contrastes de flexão entre SER e *mas* SER (o primeiro concorda sempre com o verbo principal da frase, ao contrário do segundo);
- a possibilidade de haver contextos pós-frase na estrutura enfática com *mas* SER;
- a coocorrência do verbo SER com *mas* SER (SER Mas SER mas não *Mas SER SER);
- a não flexão de *mas* SER quando coocorre com SER e quando se encontra em posição pós-frase.

Tendo em conta o que foi observado ao longo da dissertação, admito que a clivada de SER é sintática e semanticamente diferente da estrutura enfática com *mas* SER. Admito também que poderá haver duas estruturas diferentes associadas à estrutura enfática com *mas* SER. Uma primeira estrutura com *mas* SER pré-foco e uma segunda estrutura com *mas* é pós-frase.

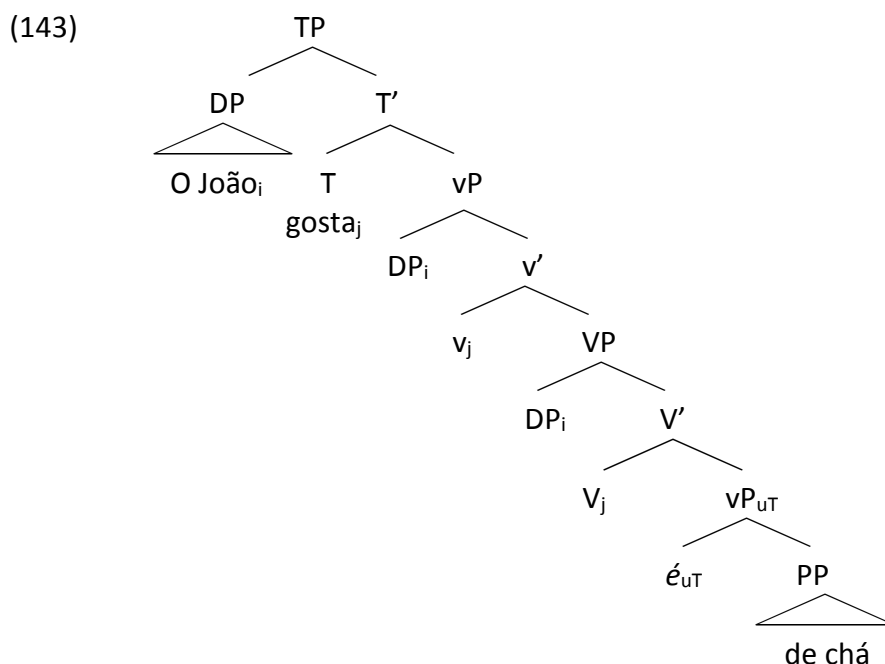
A proposta que se vai defender neste trabalho é que *mas* SER parece ser uma forma híbrida, visto que ainda mantém alguns traços verbais ativos. Esperar-se-ia que uma forma que não é verbal, como uma partícula de foco, não flexionasse em tempo, o que não se confirma, pois apesar de *mas* SER ser problemático na questão de flexionar, a verdade é que ainda mantém a flexão em alguns casos específicos.

V. 3. As duas estruturas

Para comparar sintaticamente a estrutura enfática com *mas* SER com a clivada de SER há que se definir uma estrutura para cada uma.

Para a estrutura enfática com *mas* SER irão desenvolver-se duas propostas de duas estruturas diferentes, - uma para a variante pré-foco e outra para a variante pós-frase – enquanto para a clivada de SER irá ser adotada e revista a estrutura proposta por Vercauteren (2016).

De acordo com a proposta de Vercauteren (2016), a estrutura sintática para a clivada de SER é a seguinte:



Vercauteren (2016), tal como se observou na subsecção II.1.1., argumenta que a clivada de SER é uma estrutura mono-oracional, visto que permite subida de verbos e de clíticos acima de SER e permite a clivagem de itens de polaridade negativa.

A autora admite que o verbo SER não é núcleo de VP porque não tem as propriedades de um verbo copulativo regular, assumindo que este verbo projeta um vP com características ininterpretáveis, sendo que tanto SER como vP têm de ter o mesmo tempo e aspeto que um verbo em T.

Em relação à posição sintática de SER, a autora defende que pode estar associado a diferentes posições, apesar de estar sempre à direita de um verbo em T, ou seja, de acordo com a autora é preferível assumir que SER não ocupa uma posição fixa e que tem uma distribuição “livre”. A autora assume o verbo SER como uma partícula de foco/focalização.

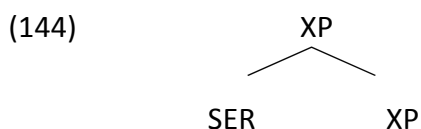
Esta proposta para as clivadas de SER foi adaptada da proposta de Cable (2010) para as partículas-Q. Vercauteren (2016) chega à conclusão que, tal como acontece a essas partículas, SER (partícula de foco) toma o constituinte clivado como

complemento, tendo este uma posição *in situ*, e projeta um vP. A autora afirma que vP pode ser complemento de núcleos lexicais, mas não de núcleos funcionais visto que eles selecionam o seu complemento.

Estas propriedades justificam o porquê de SER não impor restrições ao tipo de constituinte clivado e o facto de o vP poder aparecer como complemento de núcleos funcionais (se estes selecionarem constituintes verbais), tal como T e Asp, na posição de argumento de núcleos lexicais e na posição de adjunção, mas não posição de especificador, nem de núcleos que não selecionem constituintes verbais, como D, P, C e projeções funcionais que têm advérbios e adjetivos atributivos.

Esta análise resolve muitas questões, nomeadamente: i) a relação temporal entre SER e o verbo principal; ii) o porquê de SER não impor restrições ao constituinte clivado, visto que vP é uma categoria “transparente”. Ainda assim não explica: i) porque razão uma categoria vP pode ocorrer em diferentes posições na frase, não bloqueando diferentes tipos de relações de seleção sintática e semântica; ii) se SER é uma partícula de foco não deveria manter traços de um verbo pleno, como é o caso da flexão verbal, o que não acontece; iii) as características temporais não interpretáveis de vP também não justificam o porquê de SER flexionar.

Para esta dissertação, foi ainda ponderado se SER não estaria numa posição de adjunção (144).



Esta hipótese não foi adotada visto ser bastante problemática. Apesar de explicar a não alteração das relações de seleção sintática e semântica entre o constituinte clivado e os restantes elementos da oração, SER, ao ser um adjunto, poderia ocupar qualquer posição frásica, o que não se verifica. Não explicaria ainda a coocorrência com *mas* SER, isto é, considerar SER como adjunto não justifica a agramaticalidade de **mas SER SER*, visto que ambas as ordens deveriam ser possíveis. Outra questão problemática é, ao ter propriedades verbais, SER teria de projetar uma categoria verbal (mesmo que “transparente”).

A grande questão prende-se agora com a representação sintática da estrutura enfática com *mas* SER pré-foco e pós-frase.

- **Estrutura enfática com *mas* SER pré-foco**

Tendo em conta as propriedades da estrutura, temos evidência para afirmar que *mas* SER está numa posição sintática abaixo de T, visto que é agramatical o seguinte exemplo:

(145) *O João *mas é* gosta de chá.

De acordo com os contextos e contrastes de gramaticalidade apresentados anteriormente, temos também evidência para afirmar que *mas* SER está numa posição abaixo do verbo SER focalizador. A questão da coocorrência de ambas as partículas é importante, visto que, nos casos em que coocorrem, *mas é*, que neste caso não flexiona, está sempre à direita do verbo SER, o que define a sua posição sintática:

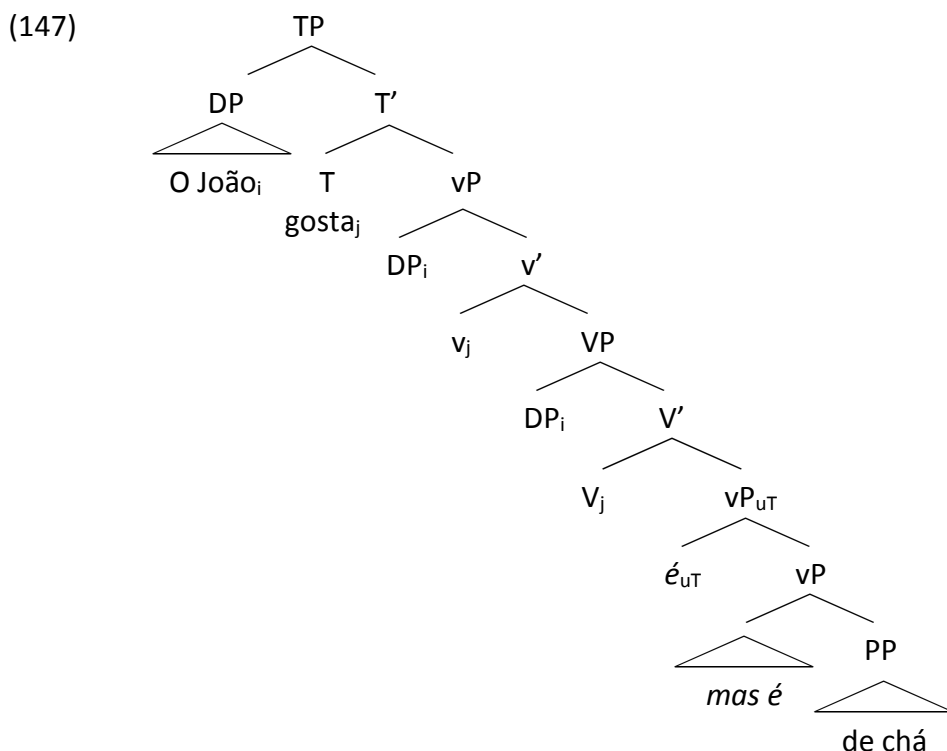
(146) a. **mas é* SER: *O João gosta *mas é é* de chá.

b. SER *mas é*: O João gosta *é mas é* de chá.

Este contraste de gramaticalidade mostra que *mas* SER tem de estar numa posição entre SER e o constituinte focalizado, visto que se encontra sempre à esquerda deste.

O facto de *mas* SER não flexionar nestes casos, encontrando-se sempre no presente do indicativo, é uma evidência para afirmar que *mas* SER está a passar por um processo de gramaticalização. *Mas* SER poderá não conter, ao contrário de SER, traços de T não interpretáveis (e não validados), que têm de ser validados por concordância (*Agree*) com T do verbo superior, que obrigam SER a ter o mesmo tempo e aspeto que o verbo principal da oração.

Uma das propostas apresentadas neste trabalho para a estrutura enfática com *mas* SER é a seguinte:



Mas SER, ao coocorrer com *SER*, não contém traços de *T*, visto que *SER* bloqueia a ligação temporal e aspetual do verbo em *T* com *mas SER*, ou seja, apesar de *mas SER* ser c-comandado pelo verbo principal, há outro núcleo que se interpõe. Se não coocorrerem, *mas SER* poderá conter as características *uT* que permitem que esta partícula tenha as mesmas características temporais que o verbo principal.

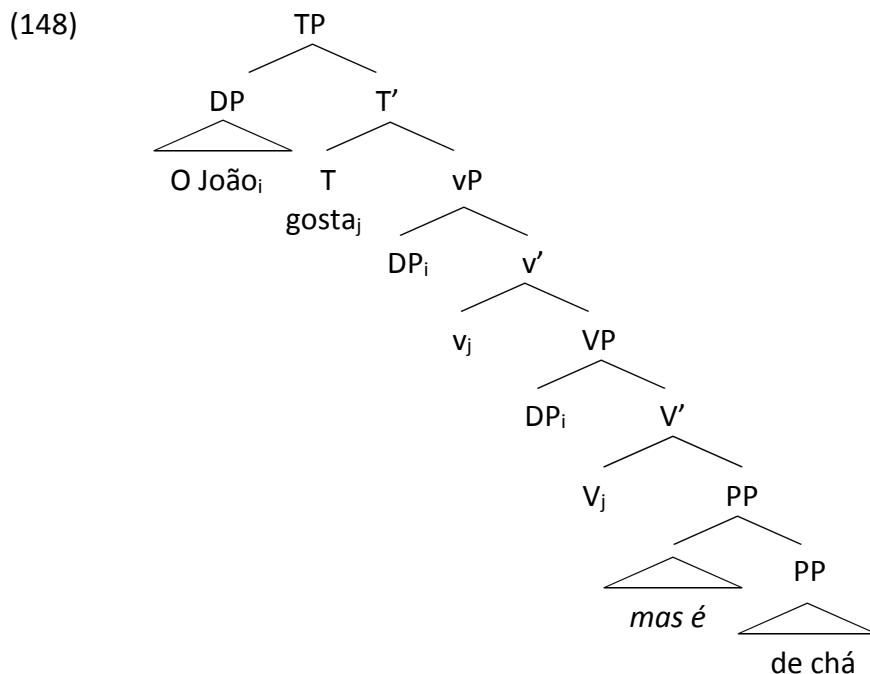
Esta estrutura justifica a coocorrência das duas partículas de focalização e a não flexão de *mas SER*.

Admite-se também que, tal como o verbo *SER* da clivada de *SER*, *mas SER* não ocupa uma posição fixa na frase, mas sim, que tem uma distribuição “livre”. A partícula de focalização *mas SER*, nestes casos em que não flexiona, é entendida como uma partícula totalmente gramaticalizada sem características temporais ou aspetuais do verbo principal da oração.

Nesta análise, existem ainda aspetos que não são totalmente explicados: i) *mas SER*, ao ser uma partícula de foco, não deveria flexionar, o que não se verifica; ii) apesar de não flexionar obrigatoriamente com um verbo em *T*, *mas SER*, pode ter as mesmas características temporais que o verbo principal da oração; iii) tal como a proposta de Vercauteren (2016), não explica a relação entre o verbo principal da oração com o seu complemento; iv) a estrutura não explica por que razão é

agramatical a ordem **mas* SER SER a não ser que se assuma que “mas” mantém de alguma forma o seu estatuto de coordenador com o primeiro verbo SER.

A segunda e última proposta apresentada para esta estrutura é a seguinte:



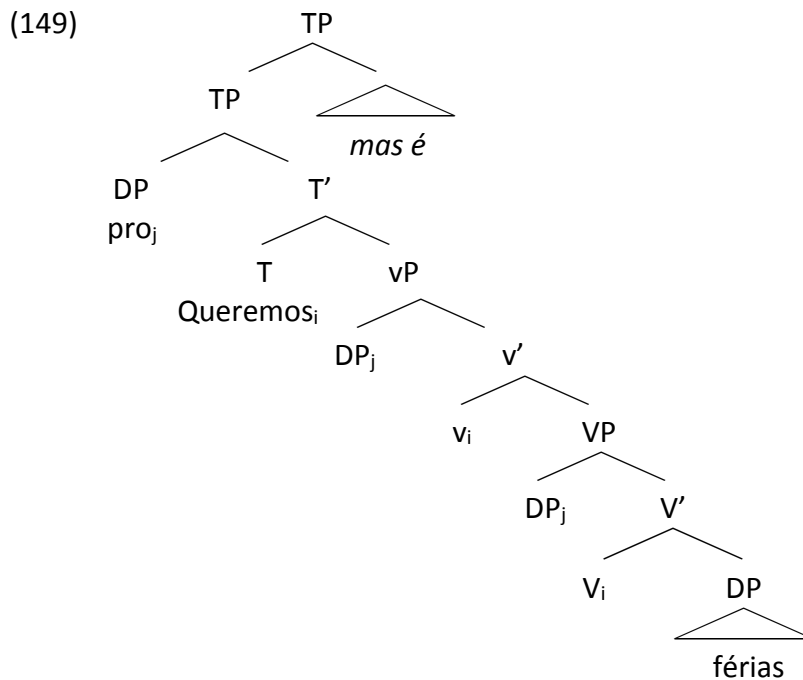
Ao contrário da análise anterior, onde foi proposto que *mas* SER projetava uma categoria vP, nesta análise propõe-se que *mas* SER é um adjunto.

Ao ser um adjunto, a estrutura explicaria: i) a não alteração das relações de seleção sintática e semântica entre o constituinte clivado e os restantes elementos da oração; ii) a sua distribuição “livre”, ou seja, as diversas posições que pode ocupar ao longo da frase, incluindo, a sua posição pós-frase; iii) o porquê de (por vezes) não ter características temporais e aspetuais. Contudo, não explicaria o porquê de *mas* SER flexionar em algumas ocasiões e a agramaticalidade da ordem **mas* SER SER, a não ser, tal como já foi observado, que se assuma que “mas” mantém de alguma forma o seu estatuto de coordenador com o primeiro verbo SER.

O problema para estas representações sintáticas é não sabermos exatamente se *mas* SER é um composto verbal pleno, com características temporais ou uma partícula de focalização gramaticalizada. Proponho que seja uma forma híbrida em processo de gramaticalização.

- **Estrutura enfática com *mas é* pós-frase**

A última estrutura proposta é a estrutura da variante pós-frase. Esta estrutura sintática representa a posição de *mas é* pós-frase na oração e é a que parece mais adequada, visto que coloca em foco toda a oração.



Admito que, nesta estrutura, *mas é* está numa posição mais alta que *mas SER* pré-foco, porque, como se pode observar, o que é focalizado por *mas SER* pré-foco é diferente do que é focalizado nesta estrutura.

O exemplo (150) mostra que todo o predicado é um foco contrastivo.

(150) Tu vais para a escola, *mas é*! Não ficas em casa!

Mas é, neste caso, não é c-comandado pelo verbo principal da oração e, por isso, não adquire as mesmas características temporais e aspetuais que este.

Ao não flexionar, estando sempre no presente do indicativo, torna esta partícula em específico uma partícula de focalização gramaticalizada.

- **As duas estruturas**

Tal como foi possível observar nesta subsecção, a estrutura enfática com *mas* SER, que era ao início analisada como uma variante da clivada de SER, não só é uma estrutura independente com propriedades sintáticas e semânticas diferentes desta última, como é dividida em duas estruturas sintáticas diferentes entre si. Admite-se, portanto, que *mas* SER está associada a duas estruturas sintáticas, uma para *mas* SER pré-foco e outra para *mas é* pós-frase.

A estrutura enfática com *mas* SER é maioritariamente manifestada no presente do indicativo, sendo que, por vezes, é agramatical quando se encontra flexionada, como é o caso da coocorrência com o verbo SER focalizador e da variante pós-frase, o que parece mostrar que *mas* SER está em processo de gramaticalização.

CONCLUSÃO

Apesar de ter tido em conta a variabilidade e a aceitabilidade ou não aceitabilidade de ambas as estruturas é notável que, tendo em conta os contextos referidos, a estrutura enfática com *mas* SER tem propriedades diferentes da clivada de SER, tendo as diferentes variantes da primeira estrutura também diferentes propriedades entre si.

O objetivo deste trabalho foi fazer uma sistematização das propriedades sintáticas e semântico-discursivas das estruturas enfáticas com *mas* SER, sabendo, contudo, que ainda há muitos aspetos a explorar.

Nesta dissertação não foi possível descrever todas as propriedades das estruturas, mas sim, as propriedades mais comuns e mais diferenciadores de cada uma, de maneira a que fosse possível identificar divergências e propriedades singulares.

Esclareceu-se, em primeiro lugar, que as pseudoclivadas e as clivadas de SER são estruturas diferentes sintática e semanticamente, de forma a definir a clivada de SER como uma clivada independente e, em seguida, iniciou-se a sistematização da clivada de SER e da estrutura enfática com *mas* SER para que se pudesse admitir uma análise diferenciada para cada uma delas.

Conclui-se nesta dissertação que a estrutura enfática com *mas* SER não é uma variante da clivada de SER, mas sim, uma estrutura com uma partícula de focalização em processo de gramaticalização, estando a sua variante pós-frase totalmente gramaticalizada.

As diferenças entre a clivada de SER e a estrutura enfática com *mas* SER são evidentes, mas também é de notar que estas estruturas têm bastantes propriedades em comum, como por exemplo, a distribuição “livre” na oração, a focalização de certos constituintes, os seus contextos ilocutórios, o tipo de constituintes que clivam, a

distribuição sintática, entre outras. Apesar de todas essas propriedades, sabe-se que são duas estruturas diferentes, visto que SER e *mas* SER podem coocorrer.

É possível observar também que as diferentes variantes da estrutura enfática com *mas* SER têm propriedades diferentes entre si e que podem ser investigadas. As variantes apontadas para esta estrutura são: a variante *mas* SER pré-foco e a variante *mas é* pós-frase. A variante *mas* SER pré-foco é uma estrutura com uma partícula de focalização em processo de gramaticalização, que poderá não flexionar de acordo com o verbo principal da oração, mesmo se estiver a ser c-comandada por esse verbo. A variante *mas é* pós-frase está numa posição sintática mais alta, de adjunção, e focaliza (contrastivamente) todo o predicado da oração. *Mas é*, neste caso, encontra-se sempre no presente do indicativo, o que mostra que já se encontra plenamente gramaticalizado.

Conclui-se no presente estudo que *mas* SER não tem conteúdo semântico, funcionando como uma forma híbrida que ainda mantém alguns traços verbais ativos, mas que geralmente se apresenta como uma partícula de focalização gramaticalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, Liisa Melo e (2001) “Considerações sintático-semânticas sobre a construção chamada semi-pseudoclivada”. *Lingua Americana Año V Nº9*, pp. 40-56.
- Ambar, Manuela (1999) “Aspects of the syntax of focus in Portuguese”. In Georges Rebuschi & Laurice Tuller (Eds.), *The grammar of focus*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 23–53.
- Ambar, Manuela (2005) “Clefts and tense asymmetries”. In Anna Maria di Sciullo (Ed.), *UG and external systems: Language, brain and computation*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 95–129.
- Barros, Clara Araújo de (1988) “A propósito de morfemas contrastivos em português: um «mas» de exceção/provocação” In FLUP – Artigo em Revista Nacional, Porto: Universidade do Porto, pp. 269-275.
- Belletti, Adriana (2004) “Aspects of the low IP area” In Luigi Rizzi (Ed.), *The structure of CP and IP*, New York: OUP, pp. 16-51.
- Bosque, Ignacio (1998/1999) “Sobre la estructura sintáctica de una construcción focalizadora”. In *Estudios en honor de Ambrosio Rabanales con motivo de los 80 años de su nacimiento*. In *Boletín de Filología* (Universidad de Chile), 37(1), pp. 207-231.
- Bosque, Ignacio (1999) “On Focus vs. Wh-movement. The Case of Caribbean Spanish”. In *Sophia Linguistics* (Tokio) 44/45, pp. 1-45.
- Cable, Seth (2010). *The Grammar of Q: Q-Particles, Wh-Movement and Pied-Piping*, Oxford: Oxford University Press.
- Camacho, José (2006) “In situ focus in Caribbean Spanish: Towards a unified account of focus”. In N. Sagarra, & A. J. Toribio (Ed.), *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

- Campos, Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1997) *Tempo, Aspeto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto: Porto Editora.
- Casteleiro, João Malaca (1979) "Sintaxe e semântica das construções enfáticas com "é que"". *Boletim de Filologia*, XXV, pp. 97–166.
- CETEMPúblico/Linguateca: <http://www.linguateca.pt/cetempublico>, 24 de outubro de 2016.
- Costa, João (1998) *Word Order variation. A constraint-based approach*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- Costa, João & Inês Duarte (2001) "Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em Português". In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 627–638.
- Costa, João & Inês Duarte (2005) "Cleft strategies in Portuguese: a unified approach". In *Proceedings of 11th Colloquium on Generative Grammar*, Zaragoza.
- Costa, João & Maria Figueiredo Silva (2006) "On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics". In Valéria Molnár et al. (Eds.) *Architecture of Focus*, Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 83-104.
- Curnow, Timothy Jowan & Catherine E. Travis (2003) "The emphatic es construction of Colombian Spanish". In *Proceedings of the 2003 Conference of Australian Linguistics Society*.
- Duarte, Inês (2003) "Construções de clivagem" In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, pp. 685-694.
- É. Kiss, Katalin (1998) "Identificational Focus versus Information Focus" In *Language*, 74 (<http://www.jstor.org/stable/417867>), pp. 245-273.

- Kato, Mary & Eduardo Paiva Raposo (1996) "European and Brazilian word order: Questions, focus and topic constructions". In Claudia Parodi et al. (Eds.), *Aspects of Romance linguistics*, Washington DC: Georgetown University Press, pp. 267–277.
- Kato, Mary & Carlos Miotto (2012) Pseudo-clefts and semi-clefts in Portuguese and Carribean Spanish: An analysis based on Portuguese. *Unpublished Manuscript*.
- Kato, Mary & Carlos Miotto (2015) "Sobre a estrutura das sentenças pseudo-clivadas e semi-clivadas". In *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (57.1), Campinas: Unicamp, pp. 23-39.
- Kato, Mary & Carlos Miotto (2016) "Pseudo-clefts and semi-clefts: An analysis based on Portuguese". In Mary A. Kato & Francisco Ordóñez (Eds.), *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, New York: Oxford University Press, pp. 286-307.
- Lobo, Maria, Ana Lúcia Santos & Carla Soares-Jesel (2015) "Syntactic structure and information structure: the acquisition of Portuguese clefts and Be-fragments", *Language Acquisition*, DOI: 10.1080/10489223.2015.1067317.
- Lopes, Óscar ([1983]2005) "Algumas peculiaridades semânticas do Português". In Fátima Oliveira & Ana Maria Brito (Eds.), *Entre a Palavra e o Discurso*, Porto: Campo das Letras, pp. 15-39.
- Martins, Ana Maria (coord.) ([2000-] 2010) *CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. URL: <http://www.clul.ol.pt/en/resources/411-cordial-corpus>.
- Méndez Vallejo, Dunia Catalina (2009a) Some Syntactic Considerations Regarding the focalizing SER ('to be') construction in Colombian Spanish. *2008 WECOL Proceedings*, Davis, CA: University of California, pp. 208-2019.

- Méndez Vallejo, Dunia Catalina (2009b) *Focalizing SER ('to be') in Colombian Spanish*. Bloomington, In Tese de Doutorado, Indiana University.
- Méndez Vallejo, Dunia Catalina (2012) "On the syntax of the Focalizing *Ser* ('to be') structure in the Spanish of Bucaramanga". In R. File-Muriel & R. Orozco (Eds.), *Colombian Varieties of Spanish*, Madrid: Iberoamericana, pp. 107-126.
- Mioto, Carlos (2012) "Reduced Pseudoclefts in Caribbean Spanish and in Brazilian Portuguese". In Valentina Bianchi & Cristiano Chesi (Eds.) *Enjoy linguistics! Papers offered to Luigi Rizzi on occasion of his 60th birthday*, Siena, Italy: CISCL, pp. 287-302.
- Resenes, Mariana Santos de (2014) *A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Resenes & Den Dikken (2012) "Semi-clefts as window on the syntax of predication, modification, and complementation". In *48th Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago.
- Rizzi, Luigi (1997) "The fine structure of the left periphery." In Lilian Haegeman (Ed.) *Elements of grammar. Handbook of generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, pp. 281-337.
- Rooth, Mats (1992) "A Theory of Focus Interpretation". In *Natural Language Semantics*, 1(1), pp. 75-116.
- Sedano, Mercedes (1990) *Hendidas y otras construcciones con ser en el habla de Caracas*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- Toribio, Almeida Jacqueline (1992) Proper government in Spanish subject relativization. *Probus* 4, pp. 291-304.

Toribio, Almeida Jacqueline (2002) "Focus on clefts in Dominican Spanish". In K. Lee, & C. Clements (Eds.), *Structure, meaning, and acquisition of Spanish*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 130-146.

Vercauteren, Aleksandra (2016) *A Conspiracy Theory for Clefts: The Syntax and Interpretation of Clefts Constructions*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa/Universiteit Gent.

Wheeler, Dana (1982) Portuguese pseudo-clefts: Evidence for free relatives. *Regional Meeting Chicago Linguistics Society* 18, pp. 507-520.

Zubizarreta, Maria (2014) "The Grammaticalization of the Assertion Structure: A view from Spanish". In A. Dufter, & A. S. de Toledo (Eds.) *Left Sentence Peripheries in Spanish: Diachronic, Variationist, and Typological Perspectives*, Amsterdam: John Benjamins.

ANEXOS

A. Ocorrências de *mas* SER em *corpora*

A1. Ocorrências no CETEMPúblico

- (i) E o Dr. Jardim: -- Pois, convém **mas é** agir desde já! (par=ext77174-clt-93a-1)
- (ii) O senhor vá **mas é** para o caralho, que vocês andam aqui só para foder a vida aos outros! (par=ext9849-soc-94b-1)
- (iii) Dá-me **mas é** a resposta! (par=ext125292-clt-97a-1)
- (iv) Por isso, é que eu qualquer dia fico **mas é** por Portugal, ganho 100 contos **mas** faço um trabalho mais sossegado, a distribuir as cargas que chegam. (par=ext121040-soc-92b-1)
- (v) Tragam **mas é** os onze. (par=ext240000-des-95a-1)
- (vi) O grémio, quando eles lá chegarem, manda-os **mas é** para casa! (par=ext261007-soc-94a-2)
- (vii) Queremos cooperar, **mas é**. (par=ext252779-soc-97b-1)
- (viii) É **mas é** giro!!!! (par=ext57320-soc-96b-2)
- (ix) Mas os polícias italianos não desarmavam e Valentim lá deu mais uma palmada no chefe, simultaneamente com um «boa noite, vai **mas é** dormir, eu como polícias assim ao pequeno-almoço. (par=ext15858-des-94b-2)
- (x) Acha que «foram **mas é** vendidos vivos a outro pastor, mesmo tendo brucelose». (par=ext20293-nd-93b-1)
- (xi) «A jogar assim, ides jogar **mas é** p ' ra II Divisão». (par=ext31196-des-98a-3)
- (xii) Vamos **mas é** guardar os foguetes em lugar seguro e só fazer a festa no dia 14. (par=ext56273-pol-96a-2)
- (xiii) Somos **mas é** uns grandes mentirosos. (par=ext60373-opi-97a-2)
- (xiv) Vai **mas é** vender banha de cobra! (par=ext61853-nd-94b-2)

(xv) Na realidade, os gajos vão **mas é** apanhar uma gand'a caganeira!
(par=ext67518-soc-95b-1)

(xvi) «Ó David, queres **mas é** um daqueles!», apontava um dos romeiros.
(par=ext76200-soc-98a-1)

(xvii) «Volta **mas é** para o Brasil!» (par=ext88855-soc-92a-3)

(xviii) Dizem aos pais que vão para a cama e vão **mas é** para a janela ver esses trabalhos... (par=ext90392-soc-94b-1)

(xix) Em vez de falar do Brasil (rico exemplo! ...), preocupe-se **mas é** com Trás-os-Montes e com as Beiras, que bem precisam da atenção dos portugueses.
(par=ext99003-opi-96a-1)

(xx) «Nós ainda vamos **mas é** ao festival dançar...» (par=ext120290-nd-97b-1)

(xxi) Vão **mas é** para a província apanhar batatas. (par=ext127650-pol-94a-3)

(xxii) Vá **mas é** resgatar o Figo. (par=ext141225-des-95a-2)

(xxiii) «Nec enim licet generum confundere humanum cum Emanuele Germano: convém **mas é** não confundir género humano com Manuel Germano».
(par=ext154203-nd-91b-4)

(xxiv) «Nós viemos cá foi **mas é** para ver umas amigas nossas», lança, em jeito de provocação, o Igor, de 13 anos, que mora «lá em cima, em Stº António dos Cavaleiros». (par=ext160218-soc-98b-2)

(xxv) Parece-me que você se está **mas é** a passar... (par=ext163948-eco-93a-1)

(xxvi) «Se viessem **mas é** cortar milho», grita-nos uma lavradora que faz uma pausa no trabalho para ver passar os jipes. (par=ext175738-soc-95b-2)

(xxvii) «Vá **mas é** para casa e veja se fuma menos». (par=ext188959-soc-93b-2)

(xxviii) «Acho que isto do mercado único ainda vai **mas é** dar mais chatices.
(par=ext190459-soc-93a-2)

(xxix) Impaciente, eu dizia, vamos **mas é** embora, depois você explica que tinha que apanhar o comboio, mas ela sorria brejeira, as coisas boas custam sempre caro, vai ver que vale a pena esperar... (par=ext238849-soc-93a-1)

(xxx) Eu estou **mas é** contra a impotência da polícia», afirma Joaquim Cardoso, leitor do Público, que contactou a nossa redacção logo após o sucedido.
(par=ext251215-soc-91b-2)

(xxxi) Mas eles comiam-na **mas era** bem temperada, com bons condutos, enquanto a gente comia uma açorda quase sem azeite e sem mais nada.
(par=ext153208-nd-94a-2)

A2. Ocorrências no CORDIAL-SIN

VPA (Vila Praia de Âncora - Viana do Castelo)

(1) INF1 É, uma fita da lula.

INQ2 É a mesma que o polvo também tem, parecida com aquela...

INF1 Não, o polvo não tem. O polvo tem **mas é** o dente.

PFT (Perafita - Vila Real)

(2) INF Digo esta oração toda no meio de cada mistério, a rezar o terço, à noite, quando se vai à casa do morto e reza-se (...)por aquela pessoa e digo esta oração cinco vezes. Em cada mistério (...) sua vez. E muitos não dizem nada disso, não a sabem. Nem a rir. Foi uma mulher, que esteve a servir (...) em casa duns padres (...) - mulher é de Maçada até - e depois aprendeu e ensinou-ma. E eu escrevi-a num papelinho e aprendi-a. Depois, durante esse tempo todo, eu era que ia rezar a casa dos mortos quando morriam. Mas agora, já não podia. Tinha medo de me equivocar. (...) Olhe, viu agora (...) que eu (...) ia a dizer e já parei? Que a gente fica equivocada, e depois está muita gente, e não tinha, já não tinha cabeça. Só sendo muito, muito, muito, por muita necessidade, ao mais já não vou fazer nada dessas coisas. E agora muita gente já nem quer que estejam ao pé dos mortos e a rezar. Não quer estar a rezar. Depois a gente, está assim a gente, a casa cheia de gente, não é, e os donos bem gostam que rezem. Mas eles não gostam de estar a rezar, querem **mas é** estar a rir-se e a conversar. As senhoras bem devem saber, que é assim por lá, mas primeiro aqui era assim.

AAL (Castelo de Vide, Porto da Espada, São Salvador da Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa – Portalegre)

(3) INF Pois. Pois, (...)eu não concordo com a monda química (...). Pelo menos nas vinhas, só com Ervax é que eu ainda já tenho aí feito. Mas o Ervax (...)não mata todas as ervas. Mata só aquelas ervas mais manhosas. Aquelas ervas mais manhosas é aquelas que a gente ainda aproveita para o gado e que não fazem tanto mal.

INQ Pois.

INF Pois, havia de matar **mas era** as bravas. As que mata as bravas mata as parreiras! Ah, já está a ver que aquilo também não... Por causa disso é que eu não concordo muito com isso.

(4) INF1 (...) Íamos levar aqui. Íamos buscar lá para cá. Pois. Íamos buscar ali, aonde lhe chamam as Hortas, Porto de Roque. Aí é que o íamos buscar, de noite, às escuras - noites muito escuras!

INQ2 Então, e não tinham medo?

INF1 Ora, medo!? Tínhamos medo **mas era** dos bonés, dos guardas. O mais, lá assim de medos, não tínhamos medo. Se apanhávamos aí cada molha aí por essas serras! Pois, era isso.

CBV (Cabeço de Vide – Portalegre)

(5) INQ Depois o vinho depois de estar feito, guardava-se dentro de quê?

INF É dentro de tonéis. E o Ansur, para acabar com os tonéis – que o gajo tinha lá tonéis pequeninos que eu cabia lá de pé dentro deles, mandou fazer **mas foi** casas.

FIG (Figueiró da Serra – Guarda)

(6) INF2 É tudo a estudar, tudo a estudar.

INF1 É estudar, é! Ele haviam de dar **mas era** uma enxada para irem para a serra cavar alqueves!

ALC (Alcochete – Setúbal)

(7) INQ1 E depois para conseguir que aquilo, que ele deixe de arder?

INF Abafa-se com terra.

INQ1 E diz que est-... E isso é fazer o quê?

INF É abafar.

INQ1 Abafar. Empoadado, é? Chama-se aqui?

INQ2 Sim. Está aqui um empoar.

INQ1 Nunca ouviu falar em: "é preciso empoar o forno", não?

INF Empoar?

INQ1 Não?

INF Tenho 'ouvisto' falar **mas é** abafar: que é para abafar, que é para deixar deitar (...) aquela coisa.

PIC (Bandeiras, Cais do Pico – Horta)

(8) INF1 Já houve infelicidades nesta pesca. Aqui mesmo no lugar, já houve aí um rapaz que (...) o outro deu, tombou, e a linha, com certeza, pegou-lhe, e lá o levou. Nunca mais apareceu. E já houve mais uns casos desses. Um nas Lages, creio eu, e outro na Calheta. Mas isso já não é também do meu tempo. Este rapaz aí que morreu, que eu estou falar, é acima de mim talvez uns três anos – três, quatro anos acima de mim.

INF2 Mas o Bártolo é do tempo (...) do mestre Balduino de arrear à baleia.

INF1 É. É, é. Mas ele novo veio assim, é **mas é** da Calheta.

EXB (Enxara do Bispo – Lisboa)

(9) INF (...) E depois, a mais velha, já estava a querer andar lá um francês de roda dela. Digo eu assim: "As raparigas, se eu deixo isto andar mais para diante, elas casam-se e ficam cá".

INQ E ficam cá.

INF "E eu não gosto disto, e depois ou elas prendem-me aqui, (...) ou, se eu for, já também tem (...) anos e anos que não as vejo".

INQ Pois.

INF "Deixa-me **mas é** passar já antes"... Eu já estava assim alinhavado, tinha uns tostõezitos...

- (10) INF (...) Punha-se... Atirava-se com tudo para cima numa mesa ou dum pial grande donde se fazia aquilo, ia-se tirar a fressura, tirava-se os 'rinzes'... Os 'rinzes' não, que eles ficavam no (próprio) porco; tirava-se **mas era** a seguir.

LAR (Larinho – Bragança)

- (11) INQ E o macho da, da abelha?
INF (...) Disso falta... Isso é que não posso dizer.
INQ Não, não?...
INF Só se ouve falar na mestra. (A) mestra.
INQ Não há uns que são, que também andam sempre à volta com elas e que depois elas até os matam?
INF (...) Isso há, aqui há muito, (o que é) esfarrapam **mas é** as bravas. Não, não. (...) As bravas, há uma qualidade (...) de abelhas bravas meias avermelhadas, assim meias avermelhadas...

GIA (Gião - Porto)

- (12) INQ Nos campos, quando estão, quando têm trigo ou milho, ou, ou até nas hortas, não se costuma pôr assim um boneco para espantar os pardais?
INF1 Espantalhos.
INQ Espantalhos.
INF1 Espantalhos. Esses espantalhos põem-se é nas figueiras.
INQ Nas figueiras?
INF1 É nas figueiras (...) e realmente nas árvores, e tal.
INQ Rhum-rhum.
INF1 No trigo (...) costumava pôr-se **mas era** uma palma benzida, uma folha de palma benzida.

UNS (Unhais da Serra – Castelo Branco)

- (13) INQ1 Não é bom ráfia? Ráfia não é bom?
INF1 Não é muito aconselhável. A ráfia é boa **mas é** quando é para atar.

VPC (Vila Pouca do Campo – Coimbra)

(14) INQ1 Mas não chamava abegão?

INF Não. (...) Era **mas era** um (...) procurador.

GRJ (Granjal – Viseu)

(15) INF (...) Tudo já me esqueceu! Tudo já me esqueceu! Passa o tempo e a gente, olhe, a cabeça já não... Já nem regula. (Apanha a gente já assim). A gente agora só já vive **mas é** arrelhada e sabe Deus como! E sabe Deus como!

GRC (Graciosa – Angra do Heroísmo)

(16) INF1 Eu nunca mais me livro daqui para fora. Vou-me embora **mas é** (...) para as Vergas, que eu nunca mais me safo.

STA (Santo André – Vila Real)

(17) INF E depois de o namoro continuar é que arranjámos a rapariguita mais velha que está na França. Depois foram os três. Depois a mãe dele não queria que ele casasse comigo. Depois ele veio para esta casa, que ele vivia ali em baixo, e veio para esta casa. E daí depois eu tinha os três garotitos pequenitos – eu estava com o meu pai e com a minha mãe – e morreu-me um irmão na França. E depois veio para cá e eu disse-lhe: "Bem, ou vais dormir com os homens que trazem o meu irmão da França, ou à casa duma vizinha, ou guardas os três raparigos que temos". Depois ele diz: "Não, então eu guardo os três raparigos que temos, que ficam comigo na cama". E depois dormiram os três raparigos com ele. Depois ao outro dia diz: "Olha, vamos **mas é** tratar e vamos-nos casar". Pronto. Resolveu casar-se e vamos embora. [Risos] A mãe empurrou-o para aqui, botou-o fora de casa, e depois ele tinha que arranjar quem lhe cozesse as batatas.

MTV (Montalvo – Santarém)

(18) INF1 (...) É claro, e depois vão então mulheres – que agora os homens já poucos querem trabalhar. (...) Querem tudo andar **mas é** (...) na orgia e na paródia.

(19) INF (...) Ela vai, ou se calhar as duas, elas vão lá apanhar as uvas, não vão apanhar as uvas verdes, nem as uvas que estão muito viceiras, nem nada. Apanham **mas é** uvas muito passadinhas, tanto faz ser as brancas como ser as tintas que apanham.

(20) INF (...) Onde é que veio a uva? Onde é que ela foi e como é que ela foi apanhada? E vamos lá ver **mas é** que como é que é que lá está a outra: se a outra está madura como esta quando para aqui veio.

CLH (Calheta – Angra do Heroísmo)

(21) INF2 E semeava-se muito milho mas era (...) para a maçaroca.

INF1 Para secar.

INF2 E agora semeiam é para o gado. É para o gado.

INF1 E agora semeiam muito milho **mas é** para o gado.

(22) INF1 (...) Só falta fazer... O senhor tem as mãos bem quentes!

INQ1 Tenho, ora! Mas, a senhora...

INF1 Ao respeito, tem **mas é** bem quentes à minha vista.